

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES - ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA DA LITERATURA

ANALOREN SANTOS FERNANDES

AS VOZES DOS CORPOS: O HOMOEROTISMO NA POESIA DE AL BERTO

FURG
Rio Grande, 2023

ANALOREN SANTOS FERNANDES

AS VOZES DOS CORPOS: O HOMOEROTISMO NA POESIA DE AL BERTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em História da Literatura, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Artur Emilio Alarcon Vaz

FURG
Rio Grande, 2023

Ficha Catalográfica

F363v Fernandes, Analoren Santos.
As vozes dos corpos: o homoerotismo na poesia de Al Berto /
Analoren Santos Fernandes. – 2023.
84 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –
FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS,
2023.
Orientador: Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz.

1. Al Berto 2. Homoerotismo 3. Corpo 4. Sexualidade
5. Autoficção 6. Literatura portuguesa I. Vaz, Artur Emilio Alarcon
II. Título.

CDU 821.134.3-1

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO nº 21/2023

No dia vinte e nove de setembro de dois mil e vinte e três, através de videoconferência, realizou-se a defesa de dissertação de mestrado de **Analoren Santos Fernandes**, intitulada “**As vozes dos corpos: o homoerotismo na poesia de Al Berto**”. A sessão foi aberta às quinze horas pelo Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz, orientador da dissertação e presidente da Comissão de Avaliação, que também foi composta por: Prof. Dr. José Luís Giovanoni Fornos (FURG) e Prof. Dr. Emerson da Cruz Inácio (USP). Depois da apresentação, arguição e respostas, a Comissão decidiu que **APROVA** a mestrandia neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração em História da Literatura. Após, o presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata.


Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz (orientador – FURG)
Prof. Dr. José Luís Giovanoni Fornos (FURG)
Prof. Dr. Emerson da Cruz Inácio (USP)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, e em primeiro lugar, a meu filho, Ricardo Vitória Ribeiro Neto, que sempre foi luz no meio de tantas incertezas, entre altos e baixos, ao elaborar essa pesquisa.

Agradeço, especialmente, ao meu marido, Ricardo Vitória Ribeiro Júnior, que foi um parceiro incansável e afetuoso, incentivando-me diariamente e me lembrando sempre o quanto eu sou capaz, mesmo nos momentos em que eu não tinha essa percepção de mim mesma.

Agradeço, carinhosamente, a minha mãe, Loiremar Rosa dos Santos, que desde a minha inserção no Ensino Básico mostrou-me a importância do aprendizado, do aprimoramento acadêmico e da educação como um todo. Sempre me incentivando e me lembrando que a emancipação feminina acontece primeiramente com o conhecimento. A ela, sou eternamente grata pelas oportunidades proporcionadas e pela confiança em mim depositada.

Agradeço, principalmente, ao meu orientador, Artur Emilio Alarcon Vaz, pela valiosa orientação ao longo do curso de mestrado, cuja parceria ocorre desde o período da graduação. Não somente em razão disso, mas sou grata também por todo o incentivo ao longo dessa intensa trajetória, pela confiança e respeito que, por mim, sempre demonstrou. Especificamente, agradeço por toda a admiração que, ao longo desses anos, me despertou e que ainda me desperta como pesquisador e como grande professor, por nunca desistir de mim, pela forma humanizada que me orientou, respeitando minhas limitações, minhas vivências e minha saúde mental, obrigada.

Agradeço, meus amigos, que sempre me incentivaram e acreditaram em mim.

Agradeço, por fim, a todas e todos que compartilharam algo especial comigo, contribuindo com a minha formação em sentido lato, aos quais eu espero ter deixado – de mesmo modo e para sempre! – algo de especial advindo de mim... Sem mais, direciono a todos os meus mais sinceros e profundos agradecimentos!

RESUMO

Esse trabalho explora a representação e a expressão do homoerotismo na poesia do renomado escritor português Al Berto, pseudônimo de Alberto Raposo Pidwell Tavares (1948-1997), especificamente em cinco poemas da coletânea *O medo* (2005). Através de uma análise de sua obra poética, a pesquisa busca compreender como Al Berto retrata a intimidade e a sensualidade do amor entre pessoas do mesmo sexo e como isso se relaciona com a construção da identidade e da sexualidade. Além de oferecer uma análise da representação do amor e do desejo homoeróticos na poesia desse autor português, o estudo apresenta uma pesquisa teórica e análise textual sobre a autoficção nos poemas nas obras de Al Berto, a sexualidade na literatura e o conceito homoerótico, que contribuiu para a compreensão da sexualidade e da identidade, bem como para a valorização da diversidade e da inclusão na literatura contemporânea.

Palavras-chaves: Al Berto, Homoerotismo, Corpo, Sexualidade, Autoficção
Literatura portuguesa.

ABSTRACT

This work explores the representation and expression of homoeroticism in the poetry of the renowned Portuguese writer Al Berto, pseudonym of Alberto Raposo Pidwell Tavares (1948-1997), specifically in five poems from the collection *O medo* (2005). Through an analysis of his poetic work, the research seeks to understand how Al Berto portrays the intimacy and sensuality of same-sex love and how this relates to the construction of identity and sexuality. In addition to offering an analysis of the representation of homoerotic love and desire in the poetry of this Portuguese author, the study presents theoretical research and textual analysis on autofiction in the poems in Al Berto's works, sexuality in literature and the homoerotic concept, which has contributed to the understanding of sexuality and identity, as well as to the appreciation of diversity and inclusion in contemporary literature.

Keywords: Al Berto, Homoeroticism, Body, Sexuality, Autofiction Portuguese literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. AL BERTO E LITERATURA AL-BERTIANA	14
2. TEORIAS	
2.1. AUTOFICÇÃO	23
2.2. SEXUALIDADE E LITERATURA.....	32
2.3. CONCEITO DE HOMOERÓTICO	40
3. ANALISANDO AS VOZES DO CORPO.....	45
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	80
ANEXOS.....	82

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como temática principal o homoerotismo versado nos poemas do escritor português Al Berto (1948-1997), uma vez que a construção poética al-bertiana foi fundamentada na autoficção e portanto sua própria homossexualidade. Acrescenta-se que o poeta retratava em seus textos a solidão e opressão de corpos marginalizados socialmente.

O livro *O medo* (2005), do qual foram selecionados oito poemas para este estudo, é uma reunião dos quinze livros do autor, entre poemas e prosas. São textos literários que expressam uma variedade de facetas líricas, como a poesia marginal, a dor existencial de um eu-lírico e de um narrador que se sente vazio e incompreendido, a decadência moral de se vivera à margem da sociedade. No entanto, é no erotismo que tal pesquisa se estabelecerá, erotismo que se apresenta nos poemas de Al Berto de forma livre de censuras normativas incidentes sobre o corpo.

Portanto, o estudo de parte de suas obras poéticas será fundamental com aportes teóricos para compreender aspectos relevantes que possibilitam um entendimento aprofundado sobre o conceito homoerótico e que viabilizam uma análise crítica sobre a importância de tal conceito para a literatura com viés social, visto que tais perspectivas são emergenciais e precisam ser abordados para que questões como sexualização dos relacionamentos homoafetivos e a opressão de determinados corpos sejam problematizadas e desconstruídas socialmente. A escolha de uma pesquisa na área de literatura portuguesa justifica-se pelo interesse em analisar as novas construções de identidade poética do homem lusitano, visto que seus textos desse autor foram significativos para a desconstrução de discursos e padrões históricos em Portugal.

Assim, a presente dissertação irá possibilitar a elaboração de uma análise detalhada no que se refere o conceito homoerótico sob a perspectiva de alguns teóricos – João Carlos Barcellos, Jorge Vicente Valentim e Emerson da Cruz Inácio –, já que visam compreender a significância do conceito homoerotismo presente em textos literários, fundamentalidade de tal conceito na construção crítica literária, já que o homoerotismo é amplo e inclusivo não impondo aos seus personagens identidades ou tipologias arbitrárias, há relações entre homens/mulheres em todos seus contextos históricos, sociais e culturais, assim

a importância de tal conceito para a Literatura viabiliza a pluralidade, a liberdade de discursos e a transgressão social:

O homoerotismo, tal qual o estamos entendendo a partir do trabalho pioneiro de Jurandir Freire Costa (Cf. COSTA, 1992: 21ss), é um conceito abrangente que procura dar conta das diferentes formas de relacionamento erótico entre homens (ou mulheres, claro), independentemente das configurações histórico-culturais que assumem e das percepções pessoais e sociais que geram, bem como da presença ou ausência de elementos genitais, emocionais ou identitários específicos. Trata-se, pois, de um conceito capaz de abarcar tanto a pederastia grega quanto as identidades *gays* contemporâneas, ou ainda tanto relações fortemente sublimadas quanto aquelas baseadas na conjugalidade ou na prostituição, por exemplo. O conceito de homoerotismo é muito útil, por vários motivos. Em termos de história e crítica da cultura, tem a vantagem de não impor nenhum modelo pré-determinado, permitindo assim que se respeitem as configurações que as relações entre homens assumem em cada contexto cultural, social ou pessoal específico. (Barcellos, 2006, p. 20)

Além disso, o estudo irá pautar-se também na perspectiva filosófica de Michel Foucault, *A História da sexualidade I: a vontade de saber*, que desenvolve um estudo sobre as relações de poder que o sexo desempenha na sociedade ocidental contemporânea, propiciando assim um fundamento teórico para elucidar a notoriedade dos discursos sobre sexualidade presentes nas obras poéticas do poeta, uma vez que, ao abordar tal temática, o autor normatiza e legitima questões de sexo, corpo e gênero, as quais sempre causaram controvérsias na sociedade portuguesa.

O movimento homossexual tem mais necessidade hoje de uma arte de viver do que de uma ciência ou um conhecimento científico (ou pseudocientífico) do que é a sexualidade. A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A liberdade é algo que nós mesmos criamos — ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, por meio deles, instauram-se novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa. [...] Quando examinamos as diferentes maneiras pelas quais as pessoas têm vivenciado sua liberdade sexual — a maneira que elas têm criado suas obras de arte, forçosamente constatamos que a sexualidade tal qual a conhecemos hoje torna-se uma das fontes mais produtivas de nossa sociedade e de nosso ser. Eu penso que deveríamos compreender a sexualidade num outro sentido: o mundo considera que a sexualidade constitui o segredo da vida cultural criadora; ela é mais um processo que se inscreve na necessidade, para nós hoje, de criar uma nova vida cultural, sob a condução de nossas escolhas sexuais. (Foucault, 2004, p. 260-277)

Para compreender a relevância dos textos literários homoeróticos do escritor Al Berto, tendo em vista que a Literatura é um instrumento importante

para a desconstrução, emancipação e humanização do indivíduo, a pesquisa também se embasa no aporte teórico de Antônio Cândido, principalmente no artigo “O direito à literatura”, visto que tal artigo enfatiza a importância da literatura para o transcendentalismo social, pois ao ler textos literários o indivíduo adquire ferramentas necessárias para desenvolver o imaginário e a criticidade, além de compreender a realidade e atuar sobre ela.

Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção. De fato, quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. Se fosse possível abstrair o sentido e pensar nas palavras como tijolos de uma construção, eu diria que esses tijolos representam um modo de organiza a matéria, e que enquanto organização eles exercem papel ordenador sobre a nossa mente. Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (Candido, 2011, p. 177)

Desse modo, é possível afirmar que tal estudo destacará a responsabilidade da Literatura no âmbito social, visto que ao abordar temáticas do corpo, sexualidade e gênero o indivíduo que tem contato com tais temas e pensamentos estará em direção da sua emancipação no quesito de romper padrões, ressignificar conceitos impostos e normas sociais que são inadmissíveis em uma sociedade contemporânea.

No primeiro capítulo dessa pesquisa, será apresentada a biografia de Al Berto, além de desenvolver a arte literária al-bertiana. Também será abordada a origem do autor, seus títulos literários, sua fortuna crítica e as temáticas recorrentes em suas obras, como corpo, sexualidade, dor e melancolia. Ademais, será aprofundado o significado do pseudônimo do poeta e o quão elucidativo é tal informação para uma compreensão sobre suas obras.

Após, no segundo momento intitulado “Autoficção”, referir-se-á o gênero autoficcional com o intuito de legitimar a ideia de que a literatura albertiana traz em sua escrita vivências, violência, dores, cores, sabores e ambiguidades do sujeito que escreve. Assim, para tal compreensão, serão apresentados fundamentos teóricos de Leila Perrone-Moisés, abordando o conceito de “autoficção”, de Philippe Lejeune, que desenvolve uma discussão sobre a relação entre o autor, o narrador e o leitor na escrita autobiográfica, e a teórica

Ana Faedrich, que propõe uma série de conceitos e reflexões que ampliam nossa compreensão sobre a natureza da escrita autobiográfica e da autoficcional, tornando a autoficção como uma forma de escrita híbrida.

Nesse sentido, o autor não busca uma representação literal de sua própria vida, mas sim utiliza sua experiência pessoal como ponto de partida para a criação de uma obra ficcional. Ademais, também é apresentado conceitos da crítica Diana Klinger para uma maior compreensão sobre o gênero autoficção. Nesse capítulo “Autoficção”, há uma preocupação em evidenciar os fundamentos que fazem com que os poemas de Al Berto sejam considerados autoficção.

Posteriormente, no terceiro momento, é apresentado o capítulo “Sexualidade e literatura”, que tem como objetivo analisar a importância de temáticas tabus em textos literários com o viés de transgredir socialmente, cujo aporte teórico é o de Antonio Candido que, através de seus textos, compreende a necessidade de tais abordagens dentro da literatura para uma sociedade mais inclusiva e múltipla. Após isso, é feita uma conexão entre os conceitos de Michel Foucault, que tem como objeto de estudo a sexualidade como poder nas relações sociais, e as temáticas dos poemas do Al Berto, uma vez que ele pode transgredir uma sociedade conservadora e criar um novo conceito de escrita que foi seguido por outros escritores posteriormente a ele.

Logo, no capítulo 2.2, intitulado “Conceito de homoerotismo”, é analisado o que é o homoerótico e sua presença tão constante perante a sociedade. Desse modo, compreendemos que o conceito crítico literário do homoerotismo visto como contemporâneo dentro da literatura, se fez presente na sociedade desde a Grécia antiga. Nesse momento da pesquisa, há um mapeamento do conceito homoerótico, desde a Grécia antiga até chegar a era *queer*, apresentando assim o modernismo da literatura contemporânea retratando autores e obras fundamentais para a transgressão do erótico em relacionamentos homoafetivos. Assim, Al Berto é retratado no capítulo como um dos percursores do conceito e há um enaltecimento a sua importância dentro do homoerotismo e socialmente, visando o contexto histórico em que ele abordava tais temáticas.

A seguir, a pesquisa concentra-se no seu ponto crucial, as análises dos poemas de Al Berto, tendo como título “Analisando as vozes do corpo”. Nesse terceiro capítulo, são selecionados oito poemas da coletânea *O medo* (2005):

“Aqueronte”, “SIDA”, “Corpo”, “Ofício de viajante”, “Pernoite em mim”, *[Sem título]*, “É uma paixão” e *[Sem título]*.

Nesses poemas, é possível observar o corpo como elemento principal, nem sempre retratado em uma configuração sexual, porém sempre como uma unidade integrante. As vozes do corpo se fazem presentes quando o eu lírico expõe sua voz em sua corporeidade, às vezes de maneira romântica, às vezes como ato de liberdade e também como uma unidade da natureza, intrínseco ao ser. Nesse objeto-corpo passeiam os sonhos, as paixões, os prazeres, as proibições e as permissões, as loucuras, as dores, as lembranças e os esquecimentos. O corpo escreve/inscreve a sua experiência a se descobrir através da linguagem e da transgressão e são essas temáticas que são desenvolvidas nos poemas analisados de Al Berto nesse estudo.

Por fim, apresento minhas considerações finais sobre minha pesquisa, meus aprendizados, minhas conclusões sobre as temáticas e os conceitos abordados. A importância do escritor lusitano Al Berto para literatura portuguesa, para as desconstruções das convenções retrógradas e transgressão do conservadorismo de uma Portugal pós-ditadura. Ademais, compreendo a necessidade da sexualidade em textos literários como elemento de inclusão das múltiplas diversidades sociais.

1 AL BERTO E A LITERATURA AL-BERTIANA

“Obra poética de Al Berto, poeta que marcou a poesia portuguesa mais recente justamente pela exposição poética de sua intimidade, em que “uma existência de papel” se interpõe a sua inscrição como sujeito.” (Inácio, 2006, p.18)

Alberto Raposo Pidwell Tavares elegeu para sua escrita literária o pseudônimo “Al Berto”, grafado assim e sem sobrenomes. Essa cisão sugere associações com o corpo nômade, sem família, que perpassa a sua escrita, predominantemente em primeira pessoa, propondo uma inversão nos limites entre o eu e o outro, como diz em sua obra *À procura do vento num jardim D’agosto*: “eis a deriva pela insônia de quem se mantém vivo num túnel da noite. Os corpos de Alberto e Al Berto vergados à coincidência suicidária das cidades.” (BERTO, 2005, p. 11)

O meu nome surge separado em dois, porque quando eu resolvi escrever achei que era muito importante para mim pessoalmente. Houve uma maneira de estar na vida que mudou, então eu cortei o meu nome ao meio como quem separa algo que deixa para trás e vai para frente. Houve uma descida aos infernos comigo mesmo. (Al Berto, 1988, p. 111)

A respeito disso, pode-se complementar ainda que uma das acepções da partícula “al” na língua portuguesa se refere a um pronome antigo usado no século XIII que significa uma outra pessoa, alguma coisa, outra coisa. Ao considerarem-se esses novos sentidos ao pé da letra, chega-se a novas interpretações do nome do autor por meio das variáveis: Outro Berto e Algum Berto, logo, o poeta quis criar sua própria identidade não só como escritor, mas como indivíduo, dono de seu próprio corpo, vontades e destino, alguém singular e múltiplo na mesma quantidade e ao mesmo tempo.

Al Berto nasceu na cidade de Coimbra, em Portugal, no dia 11 de janeiro de 1948. Na cidade de Sines, uma cidade portuária de Portugal, o poeta passou sua infância, adolescência e parte de sua vida adulta. O autor descendia de família burguesa de origem britânica extremamente conservadora, contrapondo o estilo boêmio e artístico do poeta.

Em 1961, o literário foi enviado pela sua família para Bélgica com o objetivo de desertar do enfrentamento das guerras coloniais na África (1961-1974) e, com isso, evitou seu alistamento forçado para compor as trincheiras

militares contra os povos africanos, os quais, naquele contexto de independência, se rebelaram contra a dominação colonialista portuguesa. Al Berto então aproveitou para frequentar cursos de Artes Plásticas na *École Nationale Supérieure d' Architecture et des Arts Visuels*, que, no entanto, não chegou a completar. O jovem autor, então, insere-se no universo *underground* do território europeu, como bares, boates e subúrbios. Nesse período, o autor esteve na Bélgica, França e Espanha, onde adquiriu experiências andarilhas.

Contudo, no ano de 1967, o poeta expatria-se para Bruxelas, devido à ditadura salazarista e lá matricula-se novamente em seu curso de pintura. Posteriormente, Al Berto publica o livro pictórico *Projeto 69* (1970), no qual reuniu desenhos, junto de textos escritos em Francês e Inglês. Foi a partir de 1971 que ele começou a se dedicar também às obras literárias. Em 1972, Al Berto, que havia abandonado a pintura no ano anterior, estagia como animador sociocultural no *Centre Culturel du Hainaut*, na Bélgica, função que passaria a exercer na Câmara Municipal de Sines, entre 1981 e 1985.

Após o Golpe Militar de 1926, Portugal vivenciou uma sucessão de regimes autoritários ao longo do século XX, inspirados nos modelos fascistas que, naquele período, estavam em progresso na Europa. Entretanto, com o fim da ditadura do Estado Novo (1933-1974), por meio da Revolução dos Cravos de 1974, o país passou a respirar ares mais democráticos, bem como buscou inserir-se no contexto de uma nova ordem social, econômica, política e cultural.

São essas novas influências utópicas que permitiram o retorno do exílio de Al Berto no ano de 1975, oito anos após expatriar-se. O poeta retorna para Sine, quando então abre uma pequena livraria/editora, que se tornaria uma “catástrofe econômica” devido à seleção dos livros que ninguém conhece e ninguém compra. Consequentemente, o autor fecha a livraria, mas não abandona o ofício de editoração, regressando a Lisboa, onde “lança uma das mais interessantes propostas editoriais fora das Editoras desta década” (Magalhães, 1981, p. 268)

A distinção principal dessa experiência é exatamente a forma radical como ele seleciona as publicações – lançando, além de novos poetas, a tradução portuguesa do livro “Retrato de homem” do escritor francês Tony Duvert, feita pela poeta Luiza Neto Jorge. Joaquim Manuel Magalhães acrescenta que o editor “executa um projeto e articula-se numa selva própria onde não cai a

sombra de qualquer ressentimento. Essa força contamina Alberto P. Tavares quando surge com obra própria sob o nome de Al Berto” (Magalhães, 1981, p. 270-271)

O crítico Jorge Valentim (2016) acrescenta que o trabalho de editor do português merece destaque não somente porque suas publicações fugiam completamente das normas editoriais portuguesas daquele período, “mas também por ter sido sob a chancela de sua editora que as primeiras obras de temática homoerótica vieram à cena neste contexto pós-1974” (Valentim, 2016, p. 86)

O cenário português surge prenhe de novas apostas em diversos campos das artes, da intelectualidade e da cultura, inserindo nessas incursões de transição de tendências e posturas, também a área das sexualidades. E quando nos referimos a esta, não se trata apenas de centralizar as atenções nas configurações homoeróticas como aposta definitiva de uma saída dos eixos temáticos e discursivos redutores, ainda comandados por uma ordem heterossexista, mas de uma afluência de exacerbações sexuais de toda a ordem, abrangendo tanto o universo homo como o heterossexual, propondo uma liberdade completa na manifestação, na expressão e na consolidação das subjetividades sexuais emergentes neste cenário português. (Valentim, 2014, p. 278)

Assim, em 1977, o escritor tem seu primeiro livro em português publicado: *À Procura do vento num jardim d’Agosto*, obra esta que junta poesia e prosa, tendo como temática o homoerotismo, as drogas, o cotidiano, o espaço urbano, a violência, a morte, e as angustias do ser:

Sempre tive medo quando começo a escrever, só o sangue, o ranho, o suor, têm verdadeira dignidade de tinta, tenho medo de aperceber a nódoa de tinta permanente presa aos dedos, como se fosse um sinal indelével de doença incurável, vertiginosa, medo das feridas que alastram pelo interior do corpo, invisíveis, incuráveis como os textos, a memória desses textos é uma ferida com crosta de coral, reabre ao mais ligeiro respirar. (Al Berto, 2005, p. 19).

Diante disso, nos livros publicados a seguir, tais temas tornam-se assinaturas poéticas al-bertianas. Após o primeiro livro, Al Berto publicou: *Meu fruto de morder*, *Todas as horas* (1980); *Trabalhos do olhar* (1982); *O último habitante* (1983); *Salsugem* (1984); *A seguir o deserto* (1984); *Três cartas da memória das Índias* (1985); *Uma existência de papel* (1985); *O medo* (1987); *Lunário* (1988); *O livro dos regressos* (1989); *A secreta vida das imagens* (1990); *Canto do amigo morto* (1991); *O anjo mudo* (1993); *Luminoso afogado* (1995); *Horto de incêndio* (1997).

Em 1997, Al Berto faleceu devido a um linfoma, câncer do sistema linfático, agravado em decorrência do diagnóstico de soropositivo para HIV. Desse modo, a obra *Horto de incêndio* é o último livro do autor publicado em vida, o que faz com que sua escrita seja influenciada pela doença e a corporificação da morte. Logo, a sua última obra remete ao Horto das Oliveiras, onde Jesus percorreu a *via crucis*. Al Berto representa em seu texto o homem perante uma tomada de decisão, a de um viver breve e a de uma morte para viver eternamente, sendo jamais esquecidos por seus atos; está em jogo um sacrifício entendido ou subtendido por parte de tais homens.

Nos poemas de *Horto de incêndio*, as imagens que se formam são de corpos despedaçados que idealizam seus caminhos pelas gerações e em direção a ela. Esse grupo de imagens, que se queimam, está exclusivamente ligada à imagem do nascimento, da morte e do renascimento, ou seja, um devir calorífico. Na literatura isso é comum, tendo em vista que ao extinguir-se um movimento literário, outro renasce com ou contra tal movimento.

Ao relatar a morte em seu texto literário, Al Berto tem plena consciência que quem morre é o ser humano, mas a figura literária do poeta prevalece e sua obra será eterna. O fogo queima, destrói, mas esse mesmo fogo dá vida, purifica, restaura, esse mesmo fogo leva a reflexão, ao devaneio, e está para uma complexa simbologia da qual poucos se atrevem decifrar.

O último livro do poeta, caracteriza-se pela utilização metafórica do fogo, que pode ser entendido como o elemento que vive em constante paradoxo, porque ao mesmo tempo em que dá vida, tira-a, ao mesmo tempo em que alimenta, destrói. Esse paradoxo cuja intensidade é atingida com a ativação de uma transformação que se alimenta da imagem do poeta, queimando-se em um horto de incêndio.

O autor traz consigo a melancolia, o incômodo pelo seu presente, a morte que está tão perto e por fim a purificação que a imagem do fogo traz consigo. A linguagem poética albertiana cria uma atmosfera sombria e perturbadora. Seus poemas são complexos, lidam com temas universais como a morte, a impermanência e a beleza da vida, transmitindo uma sensação de melancolia e resignação, mas também de esperança e renovação

Os poemas de *Horto de incêndio* usam a imagem do incêndio como uma metáfora para a vida humana e para a inevitabilidade da morte, possibilitando

que essa linha seja interpretada como uma reflexão sobre a transitoriedade da vida e a impermanência de todas as coisas. Além disso, há um sadismo ao enaltecer a beleza no processo de destruição e renovação do ciclo natural da vida. A obra também apresenta um tom melancólico e nostálgico, como se o mesmo estivesse olhando para trás em sua vida e refletindo sobre tudo o que perdeu.

No entanto, a obra selecionada para essa pesquisa é *O medo* (2005), coletânea dos textos do autor de 1974 até 1997. Editado *a priori* em 1987, postumamente teve uma edição em 2005, em que foi acrescentado mais obras de Al Berto, incluindo a última: *Horto de incêndio*. Tal obra teve inúmeras edições e é uma das obras de maior notoriedade do poeta.

Um ponto importante nas obras do português são os poemas que desenvolvem a ideia de autorretrato, as fotografias de si mesmo que o poeta insere no interior do seu livro, além das próprias capas, ao apresentar ilustrações de si o escritor constrói uma proximidade maior do autor com o leitor. Al Berto torna-se um produto de sua própria obra. Emerson da Cruz Inácio, a partir do conceito de “Literatura Viva” de José Régio, chama a atenção para a “ficcionalização da própria vida” que Al Berto empreende em sua poesia:

A fusão entre a realidade e ficção, entre obra de arte e a vida do artista [...], geralmente aponta para a estetização da vida. No caso de Al Berto, os limites entre verossimilhança e verdade, realidade e ficção sempre são duvidosos, visto que no correr de quase trinta anos de produção poética, a ficcionalização da própria vida foi uma tônica. (Inácio, 2010, p. 28)

A crítica literária tem averiguado uma recorrência de obras que podem ser consideradas autoficcionais, possivelmente possa ser esse o caso do poeta, visto que há no autor uma necessidade perceptível de escrever poemas e prosas sobre suas vivências, existência e mazelas.

Os autorretratos impressos na obra *O medo* (2005), ressaltam a identidade do autor, uma vez que deixa em foco a trajetória pessoal do poeta, dado que o lusitano teve iniciação no mundo das artes plásticas, desenho e pintura, até percorrer outro caminho rumo ao universo literário. Outrossim, as reflexões da vida de Al Berto tendem a ser um objeto extenso para análise, tendo em vista que os traços do poeta são evidenciados em seus poemas, prosas e diários. Desse modo, muitas conexões podem ser feitas, visando que são tênues os limites de diferenciação entre o ficcional e o real.

Em *Horto de incêndio*, há explicitamente uma tensão envolta em seus poemas, devido ao estado de saúde do autor, de modo que ele tinha contraído o vírus HIV em uma época que não havia tratamentos eficientes como atualmente. Dessa forma, ao contrair o vírus, o paciente já recebia um atestado de morte, o que automaticamente fazia com que o enfermo fosse considerado um fantasma perante a sociedade.

O poeta lusitano deixou um legado literário marcante que cativou os leitores ao redor do mundo com suas obras, permeadas por uma profunda reflexão sobre a condição humana, estabelecendo assim um novo paradigma na poesia contemporânea, principalmente, na portuguesa.

Conforme Emerson da Cruz Inácio (2013), a escrita de Al Berto estaria situada no mesmo paradigma de transgressão que a sua geração necessitou e ousou enfrentar. Essa geração, segundo Inácio (2013), corresponde àqueles que foram “expatriados pelo regime salazarista e silenciados no seu ser por uma política e por uma realidade social que não admitia o diferente” (Inacio, 2013, p. 138).

Em *O medo*, há uma linguagem visceral e uma intensidade emocional, Al Berto constrói um universo de imagens poéticas e metáforas, seus versos, por vezes angustiantes e melancólicos, revelam uma profunda compreensão da fragilidade humana, nas profundezas de tal alma, expondo medos existenciais e ansiedades que todos nós compartilhamos. Desse modo, suas palavras fazem com que os leitores confrontem seus próprios temores e os convidam a refletirem sobre suas relações com o mundo ao seu redor.

A identidade e a busca pela autenticidade são recorrentes em seus poemas. É possível observar, em *O medo*, o quanto o eu-lírico expressa a inquietude e a dor de viver em um mundo em que muitas vezes nos obriga a esconder nossa verdadeira essência. E é através de imagens potentes que o eu-lírico desafia as convenções sociais e questiona as normas que restringem nossa liberdade de expressão. Em seus poemas, há um apelo à honestidade, à coragem de ser quem somos, mesmo que isso signifique enfrentar julgamentos sociais.

Outro ponto a ser abordado na poética albertiana é a conexão profunda com a natureza, pois mergulha na contemplação dos elementos naturais, usando-os como metáforas para explorar questões existenciais. Desta forma, os

versos nos transportam para um ambiente onírico, no qual as fronteiras entre o eu e o mundo exterior se dissipam. Através dessa fusão entre o humano e o natural, Al Berto convida o leitor a refletir sobre nossa relação com a terra e a nossa própria finitude.

Além disso, há influências notórias de poetas em suas obras, como Fernando Pessoa, Herberto Helder e outros predecessores, visto que ele explora a multiplicidade de vozes e personas em sua escrita, construindo um eu lírico complexo e multifacetado. Em seu texto, há um dialogismo constante entre a tradição e a inovação, entre o passado e o presente. Ele ressignifica as formas tradicionais da poesia, dando-lhes uma nova vida através de sua linguagem intrínseca e de seu olhar sobre o mundo.

Desde o início de sua carreira literária, Al Berto recebeu uma atenção considerável da crítica, que admirava sua capacidade de expressar sentimentos complexos de forma poética e intensa. Muitos críticos elogiaram sua linguagem carregada de emoção e sua habilidade de criar imagens vívidas e atmosferas melancólicas, fazendo com que Al Berto fosse frequentemente comparado aos grandes poetas portugueses, sendo reconhecido como uma voz singular e autêntica na literatura contemporânea.

Em um ensaio intitulado “Al Berto, In Memoriam – The Luso Queer Principle” (2002), Mário César Lugarinho afirma que Al Berto é “uma figura fundacional na emergência de uma literatura *queer* em Portugal” (Lugarinho, 2002, p. 276). O crítico não deixa de mencionar figuras importantes que precederam Al Berto na tradição literária portuguesa, tais como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, José Régio e António Botto, considerados por Lugarinho como “os primeiros poetas portugueses no século XX a discutirem a homossexualidade” (Lugarinho, 2002, p. 277)

O poeta lusitano também foi reconhecido internacionalmente, com algumas de suas obras sendo traduzidas para diferentes idiomas. Essa disseminação de sua poesia, para além das fronteiras de Portugal e da língua portuguesa, ampliou ainda mais seu alcance e influência, tendo em vista que muitos críticos estrangeiros elogiaram sua poesia pela sua honestidade lírica e abordagem única de temas universais.

No entanto, mesmo com a aclamação que recebeu, Al Berto também enfrentou críticas. Alguns apontavam que sua linguagem poética por vezes se

tornava excessivamente hermética, dificultando a compreensão de suas obras. Essa opacidade da linguagem era vista por alguns como um obstáculo à fruição e à apreciação plena de sua poesia. Esses críticos argumentavam que a complexidade de sua escrita afastava o público em geral, limitando sua audiência a um grupo seleto de leitores mais eruditos.

Outra crítica dirigida a Al Berto dizia respeito à suposta repetição temática e estilística em sua obra. Alguns argumentavam que seus poemas abordavam constantemente os mesmos assuntos e exploravam as mesmas imagens, o que poderia levar à sensação de estagnação criativa. Essa repetição era vista por alguns como uma limitação de sua obra, dificultando sua evolução como escritor ao longo do tempo.

Outrossim, o poeta foi acusado por alguns críticos de se apegar excessivamente ao sentimentalismo e à subjetividade. Essa crítica se baseava na percepção de que suas obras eram excessivamente introspectivas, focando demasiadamente em suas próprias experiências e emoções, em detrimento de uma abordagem mais objetiva e universal. Para esses críticos, isso resultava em uma falta de distanciamento crítico e uma excessiva ênfase no eu lírico, o que poderia reduzir o impacto de suas poesias sobre o público em geral.

No entanto, é importante ressaltar que essas críticas não são consensuais e muitos leitores críticos continuam a valorizar e celebrar a obra de Al Berto. Sua poesia continua a ser objeto de estudo acadêmico e fonte de inspiração para muitos escritores contemporâneos. E seu legado como um dos grandes poetas portugueses do século XX é inegável.

Assim sendo, a fortuna crítica das obras de Al Berto é caracterizada por uma mistura de elogios entusiásticos e críticas fundamentadas. Enquanto alguns críticos enaltecem sua linguagem poética intensa e sua capacidade de explorar temas profundos, outros apontam para a opacidade de sua escrita, a repetição temática e a suposta excessiva subjetividade. No entanto, a relevância e a influência de Al Berto no panorama da literatura portuguesa e internacional permanecem indiscutíveis, e sua poesia continua a ser apreciada por muitos leitores ao redor do mundo.

O impacto do poeta na literatura portuguesa deixou uma marca indelével no panorama literário, influenciando uma nova geração de poetas que encontraram em sua escrita uma fonte de inspiração.

2 TEORIAS

2.1 AUTOFICÇÃO

Na conjuntura atual, há uma reflexão acentuada sobre a escrita de si, tanto nos textos literários autobiográficos, quanto nos textos autoficcionais. À vista disso, é de extrema importância analisar as características de ambos para que haja um maior entendimento sobre tais gêneros, para assim, não serem confundidos e tratados como iguais, uma vez que possuem perspectivas distintas de escrita de si na literatura contemporânea.

Há uma problematização no fazer literário contemporâneo, que está relacionado na linha tênue entre o factual e o ficcional, tendo em vista que mesmo com os termos bem limitados do que pode ser compreendido como realidade e o que vem a fazer parte da ficção, ainda podemos entrar na historiografia literária autores que em seus textos contrariam essas distinções, pois apesar da divisão concreta, ainda assim são capazes de elaborar obras que confundem quem lê, de forma que não saibam identificar o que é real do que é ficcional. Mesmo que autobiografia não esteja em xeque nessa dissertação, é importante compreender sua definição para poder desenvolver melhor o que é autoficção e como ela se faz presente nas obras do lusitano Al Berto.

A autobiografia está fundamentalmente associada com as experiências de vida, calcada em verdades. Ao mesmo tempo em que aparentam reproduzir precisamente as memórias de quem narra, ela apresenta dúvidas na medida em que observamos as imprecisões ou as memórias seletivas, assim como não podemos ignorar as interpretações de quem realiza a leitura. Assim, a autobiografia está sujeita ao fazer humano através de múltiplos sistemas complexos de contextos pessoais que fazem com que o leitor possa significar, julgar ou compreender o que é verdadeiro ou falso. A autoficção é, portanto, um gênero literário que mescla elementos da autobiografia e da ficção, permitindo ao autor explorar sua própria vida e experiências de maneira subjetiva e criativa. O escritor Al Berto tornou-se uma das vozes mais importantes desse estilo literário em Portugal, com sua escrita profundamente pessoal e emocional.

É importante ressaltar que a concepção de autoficção surgiu com Serge Doubrovsky, segundo Leila Perrone-Moisés o termo autofiction foi criado por Serge Doubrovsky em 1977, na quarta capa de seu livro *Fils* [*Filho*]:

Nos anos 1980, a França foi inundada de livros cujo assunto era o próprio autor, suas experiências, pensamentos e sentimentos. Não eram diários, porque não registravam os acontecimentos dia a dia, em ordem cronológica. Não eram autobiografias, porque não narravam a vida inteira do autor, mas apenas alguns momentos desta. Não eram confissões, porque não tinham nenhum objetivo de autojustificação e nenhum caráter purgativo. (Perrone-Moïsses, 2016, p. 204)

Doubrovsky utilizou esse termo para descrever uma forma de escrita que propicia elementos da autobiografia e da ficção, desafiando as fronteiras tradicionais entre esses gêneros literários. Em *Fils*, Doubrovsky narra a história de um personagem chamado Serge, que compartilha muitas semelhanças com o próprio autor. No entanto, em vez de apresentar uma narrativa autobiográfica tradicional, Doubrovsky inclui elementos fictícios e explora as possibilidades da escrita para retratar a complexidade da identidade e da memória. Ao usar o termo autoficção, Doubrovsky estava buscando uma maneira de descrever a escrita que não se encaixava nos conceitos convencionais de autobiografia ou romance. Ele acreditava que a experiência de vida e a subjetividade do autor eram fundamentais na criação literária, mas que a pura objetividade era impossível de ser alcançada. Portanto, a autoficção permitia a exploração dessa subjetividade sem as amarras dos gêneros estabelecidos.

A partir do romance de Doubrovsky, o conceito de autoficção se expandiu e ganhou destaque na literatura contemporânea. A autoficção permitiu aos escritores explorarem suas próprias experiências pessoais e suas implicações ficcionais, criando narrativas que mesclam elementos reais e imaginários. Essa forma de escrita desafia as noções tradicionais de veracidade e ficção, questionando a ideia de uma única realidade objetiva.

A concepção de autoficção de Doubrovsky abriu caminho para muitos outros escritores explorarem esse estilo narrativo, que se tornou uma importante corrente literária. A autoficção permite uma abordagem mais subjetiva e experimental, oferecendo aos autores uma liberdade criativa para explorar as complexidades da identidade, da memória e da narrativa.

Philippe Lejeune, em *Le pacte autobiographique* (*O pacto autobiográfico*), publicado em 1975, discute a relação entre o autor, o narrador e o leitor na escrita

autobiográfica. O teórico propõe o conceito de "pacto autobiográfico", que consiste na expectativa de que o autor está relatando eventos reais de sua própria vida. No entanto, na autoficção, esse pacto é subvertido, já que o autor mescla realidade e ficção.

De acordo com o conceito de Lejeune, "o 'espaço autobiográfico' compreende o conjunto de todos os dados que circulam ao redor da figura do autor: suas memórias e biografias, seus (auto) retratos e suas declarações sobre sua própria obra ficcional". (Klinger, 2008, p. 9). Portanto, é possível compreender que os textos literários de autoficção, em sua maioria, baseiam-se em espaços autobiográficos, no entanto o autor faz uma fusão do real com o ficcional com o intuito de intrigar o leitor, para que o mesmo não consiga distinguir o que é real do que é ficção.

Ana Faedrich corrobora com as concepções sobre tal temática com Lejeune, visto que em sua teoria ela busca compreender a relação complexa entre esses dois gêneros literários e propõe uma série de conceitos e reflexões que ampliam nossa compreensão sobre a natureza da escrita autobiográfica e da autoficcional.

Segundo Faedrich, a autobiografia é uma forma de escrita na qual o autor narra sua própria vida, suas experiências, memórias e perspectivas, com o objetivo de construir uma identidade textual que seja reflexo de sua identidade pessoal. A autobiografia tradicionalmente busca uma representação fiel da realidade, pautada pela sinceridade e pela veracidade dos fatos. No entanto, a autoficção é um gênero literário que se distancia da perspectiva autobiográfica clássica. Para Ana Faedrich, a autoficção é uma forma de escrita híbrida. Nesse sentido, o autor não busca uma representação literal de sua própria vida, mas sim utiliza sua experiência pessoal como ponto de partida para a criação de uma obra ficcional.

Faedrich acredita que a autoficção não é uma mera manipulação da verdade, mas sim uma tentativa de explorar as fronteiras entre realidade e ficção, questionando os limites da representação literária. Através desse jogo entre o eu-autor e o eu-personagem, a autoficção permite uma reflexão sobre a natureza subjetiva da memória, a construção da identidade e as múltiplas camadas da narrativa.

Uma das contribuições de Faedrich é a ideia de que a autoficção pode ser vista como uma estratégia de resistência e subversão. Ao utilizar a sua própria história como material ficcional, o autor se apropria de sua narrativa, desafiando as convenções literárias e os padrões estabelecidos. Essa transgressão dos limites da representação autobiográfica permite ao autor explorar temas complexos e controversos, questionar as estruturas de poder e romper com as expectativas do leitor.

Outro ponto relevante da teoria de Faedrich é a questão da autenticidade na escrita autobiográfica e na autoficção. Enquanto a autobiografia tradicionalmente é associada à ideia de autenticidade e sinceridade, a autoficção desafia essa noção ao combinar elementos reais e fictícios. Faedrich argumenta que a autenticidade na escrita não deve ser medida pela fidelidade aos fatos objetivos, mas sim pela capacidade de expressar a verdade emocional e subjetiva do autor.

Além disso, a teórica destaca a importância do leitor na construção do sentido da obra autobiográfica e autoficcional. Segundo ela, o leitor desempenha um papel ativo na interpretação desses textos, preenchendo as lacunas entre a realidade e a ficção, e construindo seu próprio significado a partir das experiências do autor. Essa interação entre autor, texto e leitor é fundamental para a compreensão da escrita autobiográfica e autoficcional. Ademais, também aborda a dimensão política da escrita autobiográfica e autoficcional. Ela argumenta que esses gêneros literários têm o potencial de subverter narrativas hegemônicas, dando voz a grupos marginalizados e desafiando as estruturas de poder. Através da representação de experiências pessoais e coletivas, a escrita autobiográfica e autoficcional podem contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática.

O movimento da autobiografia é da vida para o texto, e da autoficção, do texto para a vida. Isso quer dizer que, na autobiografia, o narrador protagonista é, geralmente, alguém famoso, “digno de uma autobiografia”. Justamente por ser uma celebridade desperta o interesse e curiosidade no público-leitor. Na autoficção, um autor pode chamar a atenção para a sua biografia por meio do texto ficcional, mas é sempre o texto literário que está em primeiro plano. (Faedrich, 2015, p. 47-48)

Desse modo, autoficção é um gênero literário que compacta dois modelos de escrita: autobiografia e a ficção. permitindo assim que o autor possa explorar

sua própria vida e experiências de maneira subjetiva e criativa. Al Berto tornou-se uma das vozes mais importantes desse estilo literário em Portugal, com sua escrita profundamente pessoal e emocional.

Como sempre assumi a minha sexualidade, é normal que ela surja explícita no que escrevo. A censura acabou, parece-me... ou talvez não. O que importa é que quem escreve deixou de ter de esconder o que quer que seja. E, como a minha escrita tem um lado autobiográfico muito forte, seria um disparate autoreprimir-me com o intuito de não chocar, ou de tentar agradar a gregos e a troianos. (Al Berto, 1995, n. 2, p. 1).

Assim, nasce um novo modelo da escrita de si, em que não compreendemos na narrativa a anunciação do "eu", visto que as complexidades de tais categorias não proporciona fazer tal diferenciação.

No entanto, a professora argentina Diana Klinger, conhecida por suas contribuições no campo da autoficção, retrata tal gênero como uma resposta à crise da representação na literatura contemporânea, questionando a ideia tradicional de "verdade" na escrita autobiográfica e desafiando as fronteiras entre realidade e ficção.

Segundo Klinger, a autoficção é um fenômeno literário que está ligado à condição pós-moderna, marcada pela fragmentação da identidade e pela crise das narrativas tradicionais. Nesse contexto, a escrita autoficcional surge como uma tentativa de lidar com a complexidade e a ambiguidade da experiência contemporânea, explorando as múltiplas camadas da subjetividade e desafiando as fronteiras entre o eu e o outro, o real e o imaginário.

Segundo ela, uma das principais características da autoficção é a presença do autor como personagem na narrativa. O autor não apenas relata eventos de sua vida, mas também se torna um protagonista ficcional, muitas vezes questionando e problematizando sua própria identidade. Essa abordagem cria uma tensão entre o eu real do autor e o eu construído na obra, gerando reflexões sobre a natureza da autoria e sobre os limites da representação.

Além disso, a autoficção também se caracteriza pela experimentação formal e pela intertextualidade. Os escritores autoficcionais frequentemente incorporam referências literárias, artísticas e culturais em suas obras, dialogando com outros textos e tradições literárias. Essa intertextualidade contribui para a construção de múltiplas vozes e perspectivas na narrativa autoficcional, ampliando a complexidade e o alcance da obra.

Klinger argumenta que a autoficção não deve ser vista como uma mera fusão entre a autobiografia e a ficção, mas sim como uma prática literária que desafia as convenções estabelecidas e busca novas formas de expressão. A teórica argentina enfatiza a importância da reflexividade e da consciência da construção textual na autoficção, destacando que os escritores autoficcionais estão constantemente questionando e problematizando os limites da linguagem e da representação.

O texto autoficcional implica uma dramatização de si que supõe, da mesma maneira que ocorre no palco teatral, um sujeito duplo, ao mesmo tempo real e fictício, pessoa (ator) e personagem. A dramatização supõe a construção simultânea de ambos, autor e narrador. Imaginando uma analogia entre a literatura e as artes cênicas, poder-se-ia traçar uma correspondência entre o teatro tradicional e a ficção, por um lado, e a arte da performance e a autoficção, por outro. (Klinger, 2008, p. 25)

No gênero autoficcional, a escrita de si atua como uma representação do autor, e segundo Michael Foucault escrever é, pois “mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro” (Foucault, 2017, p. 152). Portanto, quando constrói uma narrativa, o autor atenta-se em dar destaque nas representações que lhe é importante, intensificando assim o que ele quer que o leitor compreenda, utilizando-se de recursos literários que intercalem o real e o ficcional, assim mantém o pacto da ambiguidade.

O autor pode empregar inúmeros recursos para conservar a essência da escrita ficcional, como se utilizar do próprio nome ou suas iniciais, ou até mesmo um nome parecido, além de demonstrar características semelhantes as suas com o objeto de manter a ambiguidade. Outro ponto é evidenciar a forma como o autor expõe à escrita de si nos seus textos autoficcionais, em que ao desenvolver o “eu” o narrador combina sua intimidade, porém, ao mesmo tempo, mantém sua privacidade, a todo o momento ocultando o que vem a ser real e ficcional, tentando gerar um efeito real.

O universo albertiano aborda temáticas típicas do homem contemporâneo, tais questões revelam tanto sobre quem lê, do que sobre quem narra. Essas características remetem ao cotidiano do ser, o que resulta na identificação automática com o narrador e com o eu lírico do texto, visto que o sujeito que anuncia em Al Berto manifesta-se quase que sistematicamente na primeira pessoa.

Ao longo de sua carreira literária, Al Berto publicou várias obras que refletem suas experiências pessoais e sua visão de mundo. Os seus poemas exploram a solidão, a angústia, o amor, a sexualidade, a morte e a relação do indivíduo com o espaço urbano. Através de sua poesia, Al Berto criou um eu-lírico intenso e introspectivo, que muitas vezes se confunde com o próprio autor. Seus versos são marcados por uma linguagem densa e simbólica, que busca transmitir as emoções e sensações mais íntimas.

A autoficção em seus poemas permite que ele mergulhe em suas próprias memórias, vivências e existência, criando um universo poético que é ao mesmo tempo pessoal e universal. Um dos temas recorrentes na poesia de Al Berto é a cidade, especialmente a cidade de Lisboa. Ele retrata a urbanidade como um espaço de solidão e alienação, onde os indivíduos se sentem perdidos e desenraizados. Através de descrições detalhadas e imagens evocativas, ele transmite a sensação de isolamento e vazio que permeiam a vida nas grandes cidades.

O autor também aborda a sexualidade de forma franca e poética em seus poemas. A escrita sensual e erótica rompe com tabus e convenções, explorando os desejos e as paixões humanas sem pudor. Através da autoficção, ele expõe suas próprias experiências e fantasias, ao mesmo tempo ele faz uma reflexão mais ampla sobre a sua relação com a identidade e a sociedade.

A morte é outro tema presente em sua poesia, sua escrita é permeada por uma sensação de melancolia e transitoriedade, como se a morte estivesse sempre à espreita, em seus textos ele confronta sua própria mortalidade e a finitude da existência humana, buscando encontrar significado e beleza nas coisas efêmeras. Sua escrita é sensorial e visceral, capaz de despertar os sentidos do leitor e levá-lo a uma jornada emocional. *O medo* é um exemplo notável da sua abordagem da autoficção na poesia, já que os poemas desse livro são uma expressão autêntica e corajosa de suas experiências e sentimentos mais profundos, revelando uma voz literária singular e atemporal.

A autoficção é um gênero literário que ganhou destaque na literatura portuguesa nas últimas décadas. Nessa abordagem, os autores utilizam-se de suas próprias vidas, experiências e memórias como matéria-prima para a construção de uma narrativa, muitas vezes explorando questões existenciais, identidade, relações familiares, pátria, entre outros temas.

Tal gênero surge como uma forma de expressão que rompe com a tradicional dicotomia entre o eu e o outro, entre o autor e o leitor. O escritor português António Lobo Antunes é um dos grandes expoentes desse estilo literário. Em suas obras, como *Memória de elefante* (1979) e *Os cus de Judas* (1979), utiliza personagens que se assemelham a ele, em situações semelhantes às que vivenciou, criando uma narrativa que oscila entre o real e o ficcional. Essa fusão entre a vida do autor e a ficção é que permite explorar a subjetividade, os conflitos e as emoções de forma mais profunda e visceral.

Outro autor português que se destaca na autoficção é José Luís Peixoto. No seu *Nenhum olhar* (2000), ele utiliza a sua cidade natal, Galveias, como cenário para a narrativa ficcional, porém permeada por elementos autobiográficos. Assim, dessa integração entre realidade e ficção, o autor cria uma obra rica em detalhes e nuances, explorando a relação do indivíduo com a terra natal, as memórias e as vivências que moldam a identidade.

Gonçalo M. Tavares, em sua obra *Jerusalém* (2005), também utiliza elementos de sua própria vida para construir uma narrativa que explora a fragilidade humana, a busca pelo sentido da existência e a relação entre o indivíduo e a sociedade.

Através da autoficção, os escritores – portugueses ou não – têm a liberdade de explorar suas próprias histórias de forma criativa, sem a obrigação de se ater à fidelidade estrita aos fatos. Essa abordagem permite a construção de narrativas complexas, em que o autor pode explorar seus dilemas, suas reflexões e suas visões de mundo de maneira mais subjetiva. É uma forma de autoexpressão que desafia as convenções literárias e dá voz ao eu lírico de forma intensa e autêntica.

Esse gênero na literatura portuguesa não se restringe apenas aos romances. A poesia também tem sido um terreno fértil para essa abordagem. O que fez com que Al Berto, por exemplo, pudesse abordar em seus poemas as suas próprias memórias e experiências. Através dessa fusão entre o eu lírico e o autor, ele cria uma escrita íntima e emocional, que captura a essência da sua vivência e a transforma em arte.

Essa abordagem literária permite ao leitor estabelecer uma relação mais próxima e íntima com a obra, ao mesmo tempo em que questiona as convenções e os estereótipos da escrita tradicional.

A autoficção na literatura não é apenas uma técnica narrativa, mas também uma forma de resistência e liberdade criativa. Ao utilizar suas próprias experimentações como matéria-prima para a escrita, os autores rompem com as amarras da objetividade e constroem uma escrita mais subjetiva, plurais e complexas.

Ela tem se revelado poderosa na autodescoberta e expressão individual na literatura portuguesa. Os escritores encontram um caminho para explorar suas próprias angústias, questionamentos e desejos mais profundos. Através dessa abordagem, eles constroem um eu lírico que transcende as fronteiras da própria vida e se torna um reflexo do humano universal.

A presença da autoficção na literatura portuguesa é uma prova da vitalidade e da capacidade de reinvenção do campo literário. Ao combinar a vida do autor com a ficção, os escritores conseguem criar obras que desafiam as convenções literárias e ampliam as possibilidades de expressão. Permitindo aos escritores um mergulho profundo em si mesmo, abrindo portas para novas formas de escrita e para a construção de narrativas mais íntimas e verdadeiras. É uma abordagem que traz uma nova perspectiva à literatura e que continua a evoluir e a surpreender os leitores com sua originalidade e autenticidade.

Portanto, a autoficção é um tema complexo e fascinante que tem despertado o interesse de diversos teóricos ao longo dos anos, pois cria um espaço para o autor explorar diferentes facetas de sua identidade, criando personagens que representam diferentes aspectos do seu “eu”. Além dos teóricos e autores mencionados, há muitos outros estudiosos e escritores que contribuíram para o desenvolvimento da teoria e prática da autoficção. É importante ressaltar que a autoficção não é apenas um recurso literário, mas também uma forma de reflexão sobre a natureza da escrita e da própria vida. Através da autoficção, os escritores exploram o cotidiano, a identidade e as múltiplas facetas da condição humana, desafiando as fronteiras entre a realidade e a ficção.

2.2 SEXUALIDADE NA LITERATURA

A literatura é uma peça fundamental da construção dessa história e, como tal, inscreve-se nesse intervalo entre “o que se fez do homem” e “o que ele faz do que fizeram

dele”. Dito de outro modo, a literatura é um exercício de liberdade. (Barcellos, 2006, p. 16)

A literatura tem sido uma fonte de transgressão e questionamento desde os primórdios da escrita, pois através das palavras os escritores são capazes de desafiar a sociedade, abordar temas tabus e explorar experiências que muitas vezes são consideradas inadequadas ou inapropriadas. Quando se trata da sexualidade e do corpo, a literatura tem um papel fundamental em desafiar as normas sociais e culturais que moldam a forma como vemos o mundo e a nós.

A literatura permite explorar as dimensões mais profundas da sexualidade e do corpo, podendo ajudar a questionar e a redefinir as identidades sexuais e de gênero e permitindo explorar o corpo de maneira que vão além da mera função reprodutiva. Por meio das histórias que lemos, somos capazes de imaginar possibilidades diferentes, experiências diversas e de ampliar a nossa compreensão do que é ser humano.

Ao longo da história da literatura, muitos escritores têm desafiado os padrões normativos em relação à sexualidade e ao corpo. Autores como Al Berto, James Joyce, D. H. Lawrence, Virginia Woolf e Anaïs Nin, por exemplo, escreveram sobre a sexualidade de uma forma que era considerada ousada e transgressora em seu tempo. Esses exploraram temas como o erotismo, a homossexualidade, a bissexualidade e a sexualidade feminina, desafiando as normas da época e ajudando a moldar as conversas sobre sexualidade e identidade de gênero.

A literatura também pode nos ajudar a explorar experiências traumáticas relacionadas à sexualidade e ao corpo. Escritores como Maya Angelou, Toni Morrison e Roxane Gay escreveram sobre experiências de violência sexual e abuso, ajudando a dar voz às vítimas e desafiando a cultura de silêncio e vergonha que muitas vezes envolvem essas experiências. Suas histórias ajudam a compreender as complexidades da violência sexual e a nos conectar com a humanidade dos sobreviventes.

Além de possibilitar um maior entendimento sobre a nossa própria sexualidade e identidade de gênero. Muitas vezes, nos sentimos sozinhos e incompreendidos em nossas experiências e desejos sexuais. Ao ler testemunhos de pessoas que passaram por experiências semelhantes, podemos sentir-nos

mais conectados e menos isolados. Os textos literários podem nos ajudar a compreender melhor quem somos e a encontrar um sentido de pertencimento.

Assim, questionamos os costumes que moldam a forma como vemos o mundo e a nós mesmos. Ao ler textos literários, somos desafiados a pensar sobre o que é "padrão" em relação à sexualidade e ao corpo, e a considerar as possibilidades de viver e amar de forma diferente.

A literatura pode ajudar a desafiar a cultura de vergonha e estigma em relação à corporeidade, ajudando-nos a construir uma cultura mais inclusiva e acolhedora para todas as pessoas.

As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo. O que illustrei por meio do provérbio e dos versos de Gonzaga ocorre em todo o campo da literatura e explica por que ela é uma necessidade universal imperiosa, e por que fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético. Em todos esses casos ocorre humanização e enriquecimento, da personalidade e do grupo, por meio de conhecimento oriundo da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão. Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (Candido, 2011, p. 90-91)

Antonio Candido tem uma participação notável quando o assunto é "transgressão sexual na literatura", visto que ele desafiava as convenções sociais, abrindo caminho para uma maior representação e compreensão da discussão da sexualidade nos textos literários.

O teórico foi um dos primeiros críticos literários a examinar de maneira aprofundada as questões relacionadas à sexualidade e à gênero na literatura brasileira, compreendendo que a sexualidade é um aspecto intrínseco da experiência humana e, como tal, deveria ser explorada e representada de forma autêntica. Além disso, sua abordagem destemida abriu portas para outros autores e autoras desafiarem as restrições impostas pela moralidade conservadora.

Um dos principais feitos do crítico literário foi incentivar a escrita e publicação de obras que abordassem temas considerados tabus, como a homossexualidade, a sexualidade feminina e as relações extraconjugais. Ele acreditava que a literatura tinha como poder provocar reflexões e debates importantes sobre a sexualidade e, dessa forma, contribuir para a evolução da sociedade.

Ao destacar e analisar a transgressão sexual nos textos literários, Candido ajudou romper estereótipos e preconceitos arraigados socialmente. Ele desafiou a visão dominante de que certas formas de sexualidade eram imorais ou inaceitáveis, defendendo a ideia de que a literatura deveria refletir a diversidade e a complexidade da experiência humana.

Ademais, o autor proporcionou uma plataforma para autores que, de outra forma, poderiam ter sido marginalizados ou censurados. Ele encorajou a liberdade criativa e a expressão autêntica, dando voz a escritores que exploraram a sexualidade de forma desafiadora. Assim, sua influência foi fundamental e necessária no campo da inclusão na literatura.

Isto faz que a literatura quase nunca tenha consciência tranquila e manifeste instabilidades e dilaceramentos, como tudo que é reprimido ou contestado: tem dramas morais, renuncia, agride, exagera a própria dignidade, bate no peito e se justifica sem parar. Não é raro ver os escritores envergonhados do que fazem, como se estivessem praticando um ato reprovável ou desertando de função mais digna. Então, enxertam na sua obra um máximo de não-literatura, sobrecarregam-na de moral ou política, de religião ou sociologia, pensando justificá-la deste modo, não apenas ante os tribunais da opinião pública, mas ante os tribunais interiores da própria consciência. (Candido, 2011, p. 82-83).

Ao longo de sua carreira, Antonio Candido também analisou obras de escritores consagrados que abordavam a transgressão sexual, como Nelson Rodrigues e Hilda Hilst. Ele reconhecia a importância desses autores em ampliar os limites da representação sexual na literatura brasileira. Seus estudos críticos e ensaios contribuíram para uma compreensão mais profunda e apreciação dessas obras.

Além de defender a ressignificação sexual na literatura, também promoveu a empatia e a compreensão através do poder das palavras. Ele reconhecia que a literatura tinha o potencial de transformar a sociedade, desconstruir conceitos sociais e transformar percepções retrógradas. Seu

visionarismo deixou um legado duradouro e inspirou muitos escritores e estudiosos a explorarem a sexualidade de maneiras inovadoras.

A importância de Antonio Candido na literatura brasileira é indiscutível, sua coragem em desafiar as práticas sociais e sua dedicação em ampliar os horizontes da representação sexual na literatura brasileira abriram portas para a expressão autêntica e para a discussão franca de temas antes considerados tabus. Seu trabalho continua a inspirar gerações de escritores, críticos e leitores, lembrando-nos da importância de explorar a sexualidade de forma aberta e inclusiva na literatura e na sociedade como um todo.

A discussão sobre sexualidade tem sido uma área de pesquisa amplamente explorada nas ciências humanas, especialmente quando se trata de examinar sua representação na literatura. Nesse contexto, a obra de Michel Foucault destaca-se como uma fonte fundamental de reflexão e análise crítica, uma vez que as ideias de Foucault revolucionaram os estudos sobre o poder, o conhecimento e as conveniências sociais e trouxeram uma abordagem inovadora para compreender a sexualidade como uma construção histórica e socialmente contingente.

Ao investigar o papel da sexualidade na sociedade, Foucault questionou as normas e os discursos que moldam nossas percepções e experiências, desafiando as concepções tradicionais de sexualidade como uma característica fixa e inata. Em vez disso, ele argumentou que a sexualidade é um campo complexo de relações de poder, sujeito a constante vigilância e regulação. Essa perspectiva crítica de Foucault desafia as estruturas de poder estabelecidas e oferece uma lente analítica através da qual podemos compreender as representações e narrativas da sexualidade nos textos literários.

O tema da sexualidade na literatura à luz das teorias de Foucault pretende examinar como as obras literárias têm abordado e problematizado questões de gênero, identidade sexual, práticas sexuais e as formas de controle e disciplina associadas a elas. Além disso, busca entender como as representações da sexualidade na literatura contribuem para a construção e reprodução de normas e como elas podem desafiar ou reforçar as estruturas de poder existentes.

Ao aplicar a abordagem foucaultiana, pretendo desvendar as dinâmicas de poder presentes nos poemas de Al Berto, bem como examinar como o eu-lírico e suas experiências sexuais são moldados pelos discursos e padrões da

época em que as obras foram produzidas. Ao trazer as ideias de Foucault para o âmbito da literatura, esta pesquisa pretende contribuir para uma compreensão mais profunda das complexidades da sexualidade humana e do seu papel na sociedade. Além disso, espera-se que essa análise crítica das representações literárias da sexualidade possa abrir espaço para reflexões sobre a liberdade sexual e as múltiplas diversidades.

Michel Foucault desenvolveu importantes análises sobre o poder, o conhecimento e as práticas sociais. Uma das áreas em que ele contribuiu significativamente foi o estudo da sexualidade, tanto em relação à sociedade como um todo, quanto à sua representação na literatura. O filósofo rejeitou a ideia de que a sexualidade é uma característica inata e universal do ser humano, argumentando que é uma construção social e histórica. Segundo o teórico, as sociedades desenvolvem discursos e práticas em torno da sexualidade que moldam e controlam as formas como vivemos e nos relacionamos. A sexualidade é vista como um campo de poder, onde normas e valores são estabelecidos para regular e restringir os comportamentos sexuais: “para marcar o limite em nós e nos delinear a nós mesmos como limite” (Foucault, 2001, p. 29)

Uma das principais contribuições de Foucault foi o conceito de "biopolítica", que se refere ao uso do poder estatal para regular e controlar os corpos e a vida dos indivíduos. Na sociedade moderna, a sexualidade tornou-se um objeto de governamentalidade, em que o Estado exerce controle sobre os corpos e as práticas sexuais através de instituições como a família, a educação e a medicina. Essas instituições estabelecem normas e moralidades sexuais, produzindo categorias de normalidade e desvio.

a emergência da ciência do sujeito faz parte da expansão do dispositivo de sexualidade, que abre novas possibilidades para a infiltração do poder nos aspectos mais particulares e íntimos da vida. Assim, o que parecia ser liberação do silêncio imposto por um poder "repressivo", participação dos sujeitos no processo de sua constituição, revela-se como um insidioso mecanismo de sujeição. Trata-se de uma forma individualizante de poder, que classifica os indivíduos em categorias e os fixa à sua própria identidade. Essa é uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos. (Entendendo) que há dois sentidos para a palavra 'sujeito': sujeito submetido ao outro pelo controle e dependência e sujeito fixado à sua própria identidade pela consciência ou conhecimento de si. Nos dois casos, a palavra sugere uma forma de poder que subjuga e sujeita (Foucault, 1994, p. 227).

O teórico argumenta que a repressão sexual não é o único mecanismo de controle da sexualidade. Ele também identifica o surgimento de uma

"hipersexualidade" na sociedade contemporânea, na qual o discurso e a prática sexual se tornam cada vez mais expostos e permeiam a maioria dos aspectos da vida. Esse fenômeno está relacionado ao surgimento da sociedade disciplinar, na qual o controle se dá não apenas por meio da repressão, mas também por meio da vigilância e da produção de corpos dóceis e produtivos.

No que diz respeito à literatura, o teórico analisa como a sexualidade é representada e construída nas obras literárias. Ele argumenta que a literatura não é um mero reflexo da sociedade, mas sim um espaço de produção de conhecimento e de poder. Através da linguagem e das narrativas, a literatura participa na construção de discursos e na criação de identidades sexuais: "a transgressão leva o limite até o limite do seu ser" (Foucault, 2001, p. 32)

Ao observar tal perspectiva de filósofo sobre sexo como representação de poder podemos voltar ao passado, na era mitológica em que sexualidade apresentava-se como fato explicitador das desigualdades sociais em que os deuses se divertiam com os humanos, mas estes são mantidos à margem do mundo das deidades; os semideuses por possuírem características divinas e humanas detêm *status* diferenciador que lhes permite viver em meio aos dois mundos (divino e humano); os seres humanos, por sua vez, não passam de brinquedos a serviço dos deuses e que estes utilizam para saciar suas luxúrias. Não parece ser mera coincidência a semelhança entre essa estrutura hierárquica com a menção que Foucault faz sobre sexo sendo detentor do poder social, ou seja, sexo sempre foi um dos detentores do poder social.

Foucault explora particularmente o tema da perversão sexual na literatura, argumentando que ela desafia as normas estabelecidas e oferece possibilidades de subversão e resistência. A perversão pode ser entendida como um desvio em relação às práticas sexuais consideradas normais, mas o escritor questionou a própria noção de normalidade sexual. Ele argumentou que a perversão é uma categoria construída socialmente e que as práticas sexuais consideradas desviantes podem ser formas legítimas de expressão da sexualidade.

Além disso, Foucault também examina o papel da literatura na produção de discursos médicos sobre a sexualidade. Ele destacou como a medicina patologizou certas formas de prazer e desejos sexuais, classificando-os como transtornos e doenças. Essa medicalização da sexualidade contribuiu para o

controle e a normalização dos corpos, estabelecendo padrões de saúde sexual a serem seguidos.

Na literatura, a abordagem foucaultiana da sexualidade influencia diversos escritores e teóricos, que exploraram as questões de poder, identidade e representação sexual em suas obras. Através da desconstrução das normas estabelecidas, a literatura pode desafiar as formas dominantes de poder e oferecer alternativas e possibilidades de resistência.

Desse modo, Michel Foucault destaca a natureza construída e controlada da sexualidade, enfatizando como as normas e práticas sexuais são produtos históricos e sociais, moldados pelo poder e pelos discursos dominantes. Ao examinar a sexualidade na sociedade e na literatura, ele questiona a forma como vivemos, desejamos e nos relacionamos, abrindo espaço para a crítica e a transformação.

Na literatura portuguesa do século XX, o poeta Al Berto foi contra as normas e discursos sexuais de sua época ao abordar uma linguagem erótica, mergulhando nas profundezas da sexualidade humana, retratando temas considerados tabus para uma sociedade conservadora. Ao analisar seus poemas homoeróticos, podemos encontrar conexões com a obra de Michel Foucault, cujas reflexões sobre o poder, a sexualidade e as relações sociais lançam luz sobre a subversão presente na poesia de Al Berto.

Foucault observa que a sexualidade é uma construção social, moldada por normas e dispositivos de poder. Da mesma forma, Al Berto desafia as convenções literárias e sociais ao explorar o erótico em sua poesia. Seus versos audaciosos e visceralmente honestos revelam uma busca pela liberdade sexual e pela transgressão das fronteiras impostas pela sociedade. Ao examinar os poemas eróticos de Al Berto, encontramos a presença constante do corpo e sua materialidade.

O poeta não teme descrever detalhadamente o desejo carnal, os gestos íntimos e as sensações táteis que acompanham a intimidade sexual. Essa ênfase na materialidade do corpo pode ser relacionada à abordagem foucaultiana do poder, que está intrinsecamente ligada à corporeidade e ao controle exercido sobre os corpos.

Já o filósofo argumenta que a sexualidade foi historicamente regulada e reprimida por meio de dispositivos disciplinares e de controle social. Da mesma

forma, Al Berto apresenta uma sexualidade que desafia as normas e as estruturas de poder. Seus poemas eróticos podem ser interpretados como uma forma de resistência, uma maneira de romper com as restrições impostas pelo discurso dominante.

Além disso, tanto Al Berto quanto Foucault exploraram a relação entre sexualidade e identidade. Foucault destacou que a sexualidade é fluida e moldada por práticas e discursos sociais. Da mesma forma, os poemas eróticos de Al Berto revelam uma multiplicidade de identidades e desejos.

O poeta desafia as categorias binárias e celebra a diversidade de experiências e prazeres. Outro aspecto interessante a se considerar é a dimensão política presente tanto na obra literária de Al Berto quanto nas reflexões teóricas de Foucault.

O teórico argumentou que a sexualidade é um campo em que o poder é exercido e resistido. Da mesma forma, os poemas eróticos de Al Berto podem ser vistos como uma forma de resistência política, uma maneira de desafiar as estruturas opressivas de uma Portugal conservadora, além de reivindicar a autonomia e a liberdade do corpo.

Em suma, os poemas eróticos de Al Berto são marcados pela audácia, pela exploração do corpo e da sexualidade humana, e pela busca por liberdade e transgressão. Ao fazer referência a Michel Foucault, podemos compreender ainda mais a natureza subversiva da poesia de Al Berto, que desafia as normas sociais e busca romper com os dispositivos de poder que regulam e restringem a sexualidade. Ambos os artistas nos convidam a refletir sobre a relação entre sexualidade, poder e identidade, revelando assim a complexidade e a riqueza dessas questões fundamentais para a compreensão da condição humana.

2.3 CONCEITO DE HOMOEROTISMO

O homoerotismo é um conceito intrinsecamente ligado à expressão da sexualidade humana, envolvendo a atração, desejo e envolvimento romântico entre pessoas do mesmo sexo. Ao longo da história, o homoerotismo tem sido uma faceta significativa, influenciando a sociedade e a literatura de maneiras profundas e diversas. Através da exploração de temas como amor, desejo,

identidade e tabus sociais, o homoerotismo desafia normas culturais e expande as fronteiras da compreensão humana.

É um tema que tem sido abordado na literatura há séculos, em várias culturas e em diferentes gêneros literários. Desde a Antiguidade clássica até a contemporaneidade, a expressão do amor e do desejo entre pessoas do mesmo sexo tem sido retratada de várias maneiras na literatura, muitas vezes desafiando normas sociais e enfrentando controvérsias.

Ainda que se possa alegar que a adoção de “homoerotismo” no lugar de “homossexualidade” possa representar algum tipo de perda política, pois estaríamos nos descartando de um termo marcado por uma forte carga estigmatizante e, por isso mesmo, mais apto a formas de resistência, através da reapropriação e do reinvestimento semântico, parece-nos que, em termos de crítica literária, a abertura dada pelo conceito de homoerotismo é imprescindível para qualquer trabalho que não se atenha exclusivamente a uma forma específica e bem delineada de relação ou identidade homoerótica, como a pederastia grega, a sodomia medieval ou as identidades *gays* contemporâneas. (Barcellos, 2006, p. 22)

Na Grécia antiga, por exemplo, a expressão do amor entre pessoas do mesmo sexo era celebrada e considerada uma forma nobre de conexão. Os escritos de poetas como Safo e os *Diálogos* de Platão descrevem relações homoafetivas que transcendem o plano físico, como o amor entre mulheres em suas poesias líricas, destacando a importância do afeto e do intelecto na compreensão do amor. Ademais, o filósofo grego Sócrates, o qual era adepto ao amor homossexual, afirmava que o coito anal correspondia a melhor forma de inspiração. A perspectiva do filósofo quanto ao sexo heterossexual servia apenas para procriação. Já para a educação dos jovens atenienses, esperava-se que os adolescentes aceitassem a amizade e os laços de amor com homens mais velhos para absorver suas virtudes e seus conhecimentos filosóficos. No entanto, devido à fragmentação e à perda de muitas obras da Grécia antiga ao longo dos séculos, a compreensão completa do homoerotismo na poesia de tal época é um obstáculo para os pesquisadores.

Ao longo dos anos, o homoerotismo manteve sua presença, mesmo que muitas vezes de forma clandestina, devido a normas sociais e religiosas que condenavam tais expressões de amor. Ainda assim, a literatura desempenhou um papel fundamental na representação e na validação das experiências homoafetivas.

Na literatura renascentista, encontramos várias obras que abordam o tema do homoerotismo, como, por exemplo, os poemas do inglês William Blake que também foi interpretada como contendo elementos homoeróticos, com imagens homoafetivas. Já no século XIX, o homoerotismo na literatura ganhou mais visibilidade com a ascensão do movimento romântico. Charles Baudelaire, por exemplo, explorou o homoerótico em sua coleção de poesias *As flores do mal* (1857), com o poema “Lesbos”, que retrata o tema da homossexualidade feminina e os padrões sociais e sexuais da sua época. O poeta francês utiliza uma linguagem poética e imagens vívidas para expressar a sensualidade e a paixão dos relacionamentos entre mulheres na ilha de Lesbos.

Além disso, o escritor norte-americano Walt Whitman também abordou o homoerotismo em sua obra *Folhas de relva* (1892), com poemas que enaltecem as relações homoeróticas entre homens: “Tudo é recordado quando passamos um pelo outro, fluidos, afetuosos, castos, amadurecidos, crescestes comigo, foste um menino comigo ou uma menina comigo, comi contigo e dormi contigo, teu corpo tornou-se não só teu nem deixou meu corpo meu somente” (WHITMAN, 1892, p. 189)

No século XX, movimentos sociais e culturais emergiram, abrindo espaço para a discussão e a aceitação do homoerotismo. A Revolução Sexual, o movimento pelos direitos civis, a defesa da comunidade LGBT e a crescente conscientização sobre a diversidade de gênero e orientação sexual ajudaram a trazer à tona narrativas que antes eram silenciadas. A literatura LGBT assumiu um papel de destaque nesse contexto, com autores como: Al Berto, James Baldwin, Jean Genet, Radclyffe Hall e Virginia Woolf trazendo à tona as experiências homoafetivas e os desafios enfrentados pelos indivíduos que as vivenciam.

A literatura homoerótica ganhou uma nova abordagem com o surgimento da literatura modernista. *Giovanni's room* (1950), de James Baldwin, é um exemplo marcante desse período, retratando a história de um homem americano em Paris que luta com sua identidade sexual e seu relacionamento com outro homem. Já o escritor irlandês James Joyce, por exemplo, abordou o tema da homossexualidade em seu romance *Retrato do artista quando jovem* (1916), retratando o protagonista Stephen Dedalus lutando com sua identidade sexual e seus desejos homoeróticos. Outro exemplo é o romance *Maurice*, de E. M.

Forster, que foi publicado postumamente – embora escrito entre 1913 e 1914 – devido à sua temática: a história de um jovem inglês lutando com sua homossexualidade em uma sociedade repressora.

Na década de 1990, o homoerotismo na literatura ganhou ainda mais destaque com o surgimento da literatura *queer*, que aborda questões de identidade e desejo sexual fora das normas convencionais. Um exemplo de obra *queer* contemporânea é *O Amor dos homens avulsos* (2016), de Victor Heringer, que aborda o amor de dois adolescentes, Camilo e Cosme, e a descoberta do sexo, do primeiro amor e suas consequências.

Outro exemplo recente é o romance *A palavra que resta* (2021), de Stênio Gardel, que aborda a história de um homem chamado Raimundo que se apaixonada na juventude por seu amigo Cicero que corresponde tal sentimento, mas tem seu amor interrompido violentamente pelos seus pais visando o contexto histórico-cultural da época. Aos 71 anos de idade, a única coisa que lhe resta desse amor não vivido é uma carta cujas palavras ele não consegue decifrar, pois não sabe ler.

Para João Carlos Barcellos, o homoerotismo é uma parte intrínseca e natural da experiência humana e busca desafiar as narrativas discriminatórias que marginalizam ou reprimem a expressão sexual não heterossexual. Ele analisa a diversidade de experiências e identidades dentro da comunidade homoerótica, levando em consideração fatores como raça, classe social e história pessoal.

é preciso pensar alguns lugares e algumas formas de emergência do homoerotismo, em íntima relação com a constituição das formas hegemônicas de masculinidade, não tanto segundo o paradigma político da minoria oprimida, mas sim mediante o paradigma histórico-cultural da interdependência semântica e semiológica dos dois processos. Nesse tipo de abordagem, a hermenêutica do desejo homoerótico é indissociável da hermenêutica do ideal de masculinidade, pois um e outro se estruturariam a partir dos mesmos sinais, sentidos e valores. O que me interessa aqui, portanto, não é a produção do personagem homossexual como contra-exemplo do masculino, mas a produção do desejo homoerótico como contraparte *afirmativa* do ideal de masculinidade. Desejar, nessa perspectiva, é uma forma de sancionar e legitimar um ideal, pois, como queriam os antigos, a beleza é o esplendor do bem percebido como verdadeiro. (Barcellos, 2006, p. 223)

A representação do homoerotismo na literatura desempenha um papel importante na desconstrução de estereótipos e preconceitos, ao dar voz às experiências que fogem do padrão heteronormativo, essas obras promovem a

empatia e a compreensão, desafiando a visão limitada e muitas vezes negativa que a sociedade pode ter sobre a diversidade sexual.

Desse modo, ao narrar histórias que abordam a homossexualidade e as relações homoafetivas, a literatura oferece modelos e referências para aqueles que podem se sentir marginalizados ou invisibilizados pela sociedade. Essas obras podem fornecer um senso de pertencimento e validação para indivíduos que buscam compreender sua própria sexualidade ou que desejam se ver representados culturalmente com uma abordagem mais positivista da sexualidade.

Além disso, a literatura homoerótica tem um papel fundamental na construção da identidade e na formação da consciência coletiva, desafiando as normas sociais e ao explorar temas tabus, convidando o leitor a questionar e repensar conceitos estabelecidos, contribuindo para o avanço da sociedade rumo à aceitação e à igualdade. Através dessas narrativas, o homoerotismo é normalizado e integrado ao cânone literário, colaborando com a quebra de barreiras e a viabilização da inclusão.

O gênero do romance homoerótico também desempenha um papel significativo na ampliação do repertório literário, trazendo novas perspectivas e enriquecendo a diversidade de vozes na literatura, pois desafia as convenções e expande os limites da narrativa, oferecendo uma visão alternativa da experiência humana. Ao apresentar personagens e histórias que escapam dos estereótipos tradicionais, o homoerotismo amplia o horizonte da literatura como um todo e enriquece o panorama literário com novas formas de expressão e representação. É essencial reconhecer que tal gênero vai além do entretenimento ou da simples satisfação de desejos, desempenhando uma função relevante na formação de uma consciência coletiva mais inclusiva, promovendo a desconstrução, a aceitação, a compreensão e a empatia.

Ao ler obras que abordam o homoerotismo, o leitor é convidado a explorar diferentes perspectivas e a questionar suas próprias crenças e preconceitos, promovendo uma maior conscientização sobre a multiplicidade sexual e o respeito à individualidade. Portanto, o homoerotismo na literatura desempenha um encargo necessário na expressão da sexualidade humana, na representação de experiências marginalizadas e na promoção da diversidade e da igualdade. Sua importância reside não apenas na representação de experiências

individuais, mas também na capacidade de despertar aceitação, compreensão e mudança social.

O poeta português Al Berto estabeleceu uma profunda ligação com o conceito literário homoerótico, pois utilizava sua escrita para explorar a experiência *queer*, desafiar e desconstruir o conservadorismo em relação à sexualidade. Os seus poemas são marcados por uma busca incessante pela liberdade e por uma expressão nua e crua do desejo sexual entre homens. Além de revelar uma sensualidade lírica única, que se aprofundam na paixão homoerótica. A linguagem do sujeito poético é intensa, munida de metáforas e imagens sensoriais que evocam a sensualidade e a intimidade dos corpos. Os versos capturam a essência das relações homoafetivas, explorando a complexidade emocional e a vulnerabilidade que acompanham essas experiências.

Ademais, Al Berto abordava o corpo homossexual como uma forma de resistência identitária. Assim sendo, a escrita do lusitano desafiava as estruturas patriarcais e heteronormativas, convidando o leitor a questionar as convenções sociais e a explorar diferentes formas de amor e desejo. Seus poemas são uma afirmação da existência do ser gay, uma busca por reconhecimento e aceitação em uma sociedade muitas vezes hostil e alienada aos desvios da norma.

A obra de Al Berto é permeada por uma reflexão sobre a solidão, a marginalização, a angústia e a dor do amor não correspondido, a dificuldade de viver plenamente a sexualidade em uma sociedade repressiva e os desafios enfrentados pelos indivíduos marginalizados na construção de uma identidade autêntica.

A ligação do escritor com homoerotismo vai além de sua poesia, visto que, como artista plástico, explorou a imagem do corpo masculino em suas pinturas, criando uma intersecção entre a escrita e as artes visuais. Essa conexão entre diferentes formas de expressão reforça a importância da temática homoerótica em sua obra e a abordagem multifacetada que ele adotou para explorar essa temática.

A contribuição de Al Berto para o conceito literário homoerótico é evidente, tendo em vista que sua escrita deu a visibilidade necessária para uma resignificação e transgressão da diversidade sexual na literatura portuguesa. O poeta desafiou a opressão desmedida da cultura portuguesa ao criar uma

narrativa impactante para o contexto histórico-cultural da época. Criou uma voz forte de testemunho, de vivências e de experiências e, mais que isso, criou representatividade, proporcionando discussões sobre o corpo, sexualidade e gênero, fazendo-se referencial literário para outras vozes posteriores igualmente necessárias.

3 ANALISANDO AS VOZES DO CORPO

Neste capítulo, analisarei uma seleção de poemas do poeta lusitano Al Berto buscando compreender os temas recorrentes em sua obra, bem como as técnicas poéticas que ele emprega. Explorarei as influências – desde os simbolistas até a poesia de vanguarda – que moldaram seu estilo, bem como sua conexão com o contexto sociopolítico e cultural do período em que viveu.

O poeta emergiu em um período de grande efervescência artística e de intensas transformações sociais no país, marcado pela Revolução dos Cravos e pela busca por liberdade e expressão individual. Al Berto, com sua voz poética singular, capturou as inquietações e os anseios desse tempo turbulento, criando uma poesia visceral e arrebatadora.

Um dos principais temas explorados pelo autor é a relação entre o indivíduo e o espaço urbano. Seus versos nos transportam para a cidade e nos revelam suas belezas e desolações. A metrópole é retratada como um lugar de solidão e desenraizamento, onde os seres humanos se perdem em meio à multidão e ao anonimato. A cidade torna-se um cenário simbólico para a angústia existencial, mas também para a busca por um sentido e uma conexão com o mundo.

Outro aspecto central na poesia de Al Berto é a exploração da identidade e da sexualidade. Sua escrita abertamente homoerótica desafia as convenções sociais e provoca reflexões profundas sobre o amor, o desejo e a busca por uma aceitação plena de si mesmo. Ele nos leva a uma jornada de autoconhecimento e autoaceitação, em que a expressão poética é um ato de liberdade e resistência.

A obra de Al Berto tem como principal característica o fato de seus poemas denotarem a manifestação inequívoca de um discurso poético homoerótico em Língua Portuguesa, além de operar em seu exercício poético a vivência homossexual como fato inerente a sua poesia. Além disso, cabe serem destacadas algumas linhas de força que configuram as principais recorrências de sua obra, visto que a poesia de Al Berto, pela própria dinâmica compreende aspectos variados que vão desde a éfrase até a releitura de poetas clássicos, assim, como o diálogo constante com a contracultura e a subcultura homossexual contemporânea. (Inacio, 2006, p. 138)

Além disso, a obra de Al Berto é marcada por uma linguagem poética ousada e experimental. Os seus versos rompem com as estruturas tradicionais, explorando novas formas de expressão e utilizando recursos como a

fragmentação, a repetição e a musicalidade das palavras, sendo assim, uma experiência sensorial.

Serão analisados poemas da obra *O medo* (2015), cada qual apresentando características distintas e nos permitindo explorar diferentes aspectos da poética de Al Berto, retratando imagens evocativas, os ritmos e as cadências que permeiam esses versos, desvendando os significados ocultos e as múltiplas camadas de interpretação.

Ao aprofundar a poesia de Al Berto, será possível observar um universo lírico que dialoga com as angústias e as buscas universais do ser humano. Sua escrita transcende o tempo e o espaço, tocando em temas que ecoam em nossas próprias vidas. Através de sua sensibilidade, Al Berto nos convida a refletir sobre a condição humana.

Al Berto escreve porque precisa dar voz ao Narciso que tem dentro de si, que se mira constantemente em busca de seu duplo e equivalente, demarcados ambos por sua orientação sexual. Tornou-se canônico pela capacidade de sua poesia trabalhar com pressupostos perpetuados, associando-os às vivências de uma subjetividade em constante deriva. (Inacio, 2006, p. 130)

Outrossim, buscaremos compreender a contribuição de Al Berto para a literatura portuguesa e para a poesia contemporânea, examinando sua posição no cânone literário e sua influência em gerações futuras de escritores.

A análise dos poemas de Al Berto nos permitirá apreciar não apenas sua maestria poética, mas também refletir sobre questões fundamentais da existência humana, como a solidão, a busca por identidade, a liberdade e a superação das limitações sociais e culturais. Através de sua poesia visceral e emotiva, Al Berto nos convida a questionar e a compreender nossa própria condição, mergulhando nas profundezas da alma e descobrindo as possibilidades infinitas da expressão artística.

Dessa forma, este capítulo se propõe a explorar e celebrar a poesia de Al Berto, revelando as múltiplas facetas de sua escrita e a relevância de sua obra no contexto literário contemporâneo. Ao observar os poemas selecionados, desvendaremos os segredos que se escondem por trás das palavras e nos aproximaremos da essência do ser humano, em toda a sua complexidade e beleza.

O primeiro poema a ser analisado é “Aqueronte”, presente no livro *Horto de incêndio*

“Aqueronte”

1. ensanguentou-se a fonte dos sonhos
2. por isso fecha os olhos e vê
3. como o desejo acabou – vê a prata suja
4. envolvendo os amantes
5. no meio de sedas cintilantes espelhos e fogos
6. onde o sussurro das horas se perde
7. na trepadeira fatal da paixão

8. vê
9. como um protege o outro – os dois procurando
10. um sémen limpo e nenhuma palavra será adiada ou dita como dantes

11. vê
12. como a terra é um veludo a escorrer da boca
13. para a boca – triste néctar envenenando
14. contra os lábios que se despedem da casa
15. dos afectos
16. dos amigos
17. das coisas insignificantes e
18. da rua que não voltarão a ver

19. isolados dos outros
20. pernoitando na dormência ávida dos rios avançam
21. deitados no fundo da pesada barca – etéreos
22. entram com vagar na cidade desmoronada
23. na fissura deste tempo pestífero
24. que já não lhes pertence

(Al Berto, 2005, p. 615)

O título do poema já anuncia ao leitor do que se trata o poema ao nomear o mesmo de “Aqueronte”, termo este utilizado na mitologia da Grécia antiga para designar o inferno no clássico *Divina comédia*, de Dante Alighieri. No Canto III, vemos que Aqueronte é o local onde vive Caronte (Caron), que se incumbem de conduzir almas perdidas até lá: “Chegam os Poetas à porta do Inferno, na qual estão escritas terríveis palavras. Entram e no vestíbulo encontram as almas dos ignavos, que não foram fiéis a Deus, nem rebeldes. Seguindo o caminho, chegam ao Aqueronte, onde está o barqueiro infernal, Caron, que passa as almas dos danados à outra margem, para o suplício. Treme a terra, lampeja uma luz e Dante cai sem sentidos.” (ALIGHIERI, 2003, p. 32)

No poema de Al Berto, o verso 11 cita de forma indireta – “dita como dantes” – o protagonista da *Divina comédia*, além da referência ao rio turvo e

escuro da obra de Alighieri, o mesmo que encaminha as almas para o inferno, como é possível observar nos versos 21-22: “pernoitando na dormência ávida dos rios avançam/ deitados no fundo da pesada barca – etéreos”.

No primeiro verso do poema, é apresentado ao leitor que a fonte dos sonhos está com sangue. Através de uma percepção em uma voz pronominal, sonho e sangue reúnem-se em uma reprodução introdutória do poema. O verbo “ensanguentou-se”, posto na introdução do verso, evidencia a ação da qual não é elucidado o agente, já que o paciente, “a fonte”, não pode praticar a ação sobre si mesma. No segundo verso, é incorporada uma frase de caráter conclusivo “por isso feche os olhos e vê”. “Feche os olhos” e “vê” refere-se a uma imagem contraditória que manifesta o desejo do sujeito de que o emissor observe além dos limites da visão.

Na segunda estrofe, “vê”, destacada por ser a única palavra no primeiro verso dessa estrofe, aponta a relevância e a necessidade do eu lírico em fazer o interlocutor “ver”. Nessa estrofe evidencia-se a reciprocidade e a simultaneidade “um protege o outro”, “os dois procurando”. No último verso dessa estrofe, a voz passiva dá importância ao sujeito paciente “palavra”.

Na terceira estrofe, o verbo “ver” é exibido de forma destacada uma vez mais: “vê/ como a terra é um veludo a escorrer da boca/ para a boca”. Os “lábios” e as “bocas” dos amantes têm contato com os prazeres e com as luxúrias da terra, mediante a uma crescente que começa pelo mais íntimo e termina na exterioridade: “da casa”, “dos afetos”, “dos amigos”, “das coisas insignificantes” e “da rua”. Perante a proximidade da última viagem, não há muitas realizações ou elementos valiosos a lamentar, mensurando o valor da simplicidade e dos relacionamentos afetivos no quadro retratado no poema.

Na quarta e última estrofe, prosseguem a solidão e a separação. Essa estrofe tem um andamento mais lento, pois o rio corre com vagar, os amantes se dissipam, deixam de ser terrenos: “etéreos” em relação à cidade. Os dois encontram-se fora do tempo, em direção ao mundano, o eu lírico especifica o lugar no qual eles estão despertando: “na cidade desmoronada” e “na fissura deste tempo pestífero”.

O último verso é uma oração alusiva o que se refere ao tempo, “que não lhes pertence”, requerendo que o não pertencimento ao tempo é escolha. Os infernos reservados aos amantes são o tempo e a cidade, desse modo a primeira

estrofe já adianta o destino infernal desses amantes por meio do verso “ensanguentou-se a fonte dos sonhos”.

O poema é uma reflexão sobre o destino, o pecado e a morte, temáticas recorrentes para o autor. A métrica é livre, com versos de tamanhos variados. O poema explora temas como desejo, paixão, isolamento e perda. A fonte dos sonhos ensanguentada simboliza a corrupção do idealismo. Os amantes envoltos em prata “suja” representam a contaminação dos sentimentos puros e tradicionalmente vistos como românticos. A trepadeira fatal da paixão e a busca por “um sémen limpo” sugerem uma mistura de desejo e perigo. A referência ao terrestre e ao físico como “triste néctar envenenando” reflete a dualidade das emoções. A ideia de despedida da casa dos afetos e da rua aludem a um sentimento de perda de conexão com o mundo. O isolamento dos amantes e sua jornada na cidade desmoronada corresponde a separação da realidade atual. O contexto emocional e simbólico é rico e complexo.

Já o segundo poema analisado intitula-se “SIDA”, também do livro *Horto de incêndio*. Nesse poema específico, Al Berto dissolve seu individualismo e permite ao leitor alcançar sua dor diante da morte:

“SIDA”

1. aqueles que têm nome e nos telefonam
2. um dia emagrecem – partem
3. deixam-nos dobrados ao abandono
4. no interior duma dor inútil muda
5. e voraz

6. arquivamos o amor no abismo do tempo
7. e para lá da pele negra do desgosto
8. pressentimos vivo
9. o passageiro ardente das areias – o viajante
10. que irradia um cheiro a violentas nocturnas

11. acendemos então uma labareda nos dedos
12. acordamos trémulos confusos – a mão queimada
13. junto ao coração

14. e mais nada se move na centrifugação
15. dos segundos – tudo nos falta

16. nem a vida nem o que dela resta nos consola
17. a ausência fulgura na aurora das manhãs
18. e com o rosto ainda sujo de sono ouvimos
19. o rumor do corpo e encher-se de mágoa

20. assim guardamos as nuvens breves os gestos
21. os invernos o repouso a sonolência

22. o vento
 23. arrastando para longe as imagens difusas
 24. daqueles que amámos e não voltaram
 25. a telefonar
- (Al Berto, 2005, p. 620)

O título “SIDA” (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida) é a tradução para o português do termo em inglês AIDS (Acquired Immunodeficiency Syndrome), frequentemente usado no Brasil mas não em Portugal. Em sua primeira estrofe, o poema apresenta o sofrimento e indignação do eu lírico por perder pessoas que ama – “aqueles que têm nome e nos telefonam” (v. 1) – para a doença, o sujeito poético faz questão de humanizar tais pessoas, visto que a sociedade automaticamente, ao descobrir o diagnóstico da doença, exclui o enfermo e as mata antes da morte. Já no segundo verso, “um dia emagrecem – partem”, o eu-lírico faz menção a um dos sintomas sofridos por quem contrai o HIV: a perda de peso. Em “no interior duma dor inútil muda e voraz” (v. 4), o sujeito está frustrado, pois a doença é devastadora e não havia – na época da escrita do poema – nada que se podia fazer, não há cura ainda, ocasionando um sentimento de inutilidade e inação.

Na segunda estrofe, ao contrário do que se pode compreender de uma primeira leitura e do significado mais imediato de “arquivar o amor”, a estrofe sustenta uma eloquente apologia do amor, mesmo que interdito pela doença e pela morte. A contradição pressuposta, no caso, é apenas aparente, e serve para salientar a grande afirmação de um tipo de amor que não sucumbe à morte e que se pronuncia com o sofrimento.

Nos versos “acendemos então uma labareda nos dedos/ acordamos trémulos confusos – a mão queimada/ junto ao coração”, é evidenciado um momento de reflexão com o cigarro (a “labareda”) na mão, numa tentativa vã de esperança, logo, por conseguinte há uma quebra de expectativa, o que resulta no desvanecimento – tal como a fumaça do cigarro – da esperança, fazendo com que o sujeito abra seus olhos para realidade, instaurada também pela “mão queimada”, que o acorda para o real.

Nos versos da quarta estrofe, o eu lírico lamenta a fugacidade do tempo, até mesmo pelo fato da estrofe ser um dístico, fazendo com que tudo perca o rumo, “tudo nos falta”. Dessa forma, na quinta estrofe, outra vez um dístico, o sujeito poético apresenta-se no luto da despedida, é particularmente importante

observar o efeito produzido pela justaposição de um sujeito que significa, no caso, falta, negação, com um processo verbal que diz exatamente o contrário: “fulgura na aurora das manhãs”. Claro que o sentido mais imediato é aquele mesmo: a elevação da sensação da falta a seu extremo. O lírico, ao elucidar o verso “fulgura na aurora das manhãs”, que tem como conotação o brilho, a ressurreição, retoma o sentido incandescente atribuído ao amor em versos precedentes, e permite que o leitor associe ao caráter negativo da ausência a força do amor que preside a relação entre o sujeito e o próprio sujeito ausente.

Por fim, na quinta e última estrofe do poema, iniciada com um “assim” aparentemente conclusivo, há um arquivamento das memórias sofridas pelo eu lírico, “arquivámos”, “acendemos”, “pressentimos”. É no passado, neste passado em conjunto, de memórias, de “nuvens breves” guardadas por entre as “imagens difusas” que se arrastam, é neste passado que o poeta relembra os que partiram. Os que partem. Assim, o sujeito poético vê-se rodeado por um sentimento de perda. Entre a dor de ver os que lhe são queridos definharem e partirem e a masoquista memória de tudo, o poeta passa, terminando o poema como o começou lembrando que, no final, o que importa é quem já não telefona.

O poema também adota uma métrica livre, com versos de tamanhos variados, o que permite uma expressão mais fluida e emocional. O contexto do poema gira em torno da perda e da ausência, descrevendo a experiência de perder contato com pessoas queridas pela doença que teve o auge naquela década, das pessoas que um dia tinham nomes e telefonavam, mas que eventualmente partem e deixam aqueles que ficam sentindo-se abandonados e imersos em uma dor muda e voraz.

A ideia de “arquivar o amor no abismo do tempo” sugere que os sentimentos profundos são enterrados, mas preservados ao longo do tempo. A referência ao “passageiro ardente das areias” pode representar tanto a memória viva das pessoas que partiram, quanto à intensidade das emoções sentidas.

O ato de “acender uma labareda nos dedos” e sentir a mão queimada junto ao coração retrata a chama do desejo de reconexão e a dor que ela traz. O poema expõe um sentimento de vazio e falta que permanece na passagem do tempo, em que a ausência se destaca, especialmente nas manhãs, quando a memória daqueles que partiram se torna mais vívida. O uso de elementos naturais, como nuvens, vento e estações do ano, contribui para criar uma

atmosfera poética e reflexiva, reforçando a sensação de perda e saudade. O poema explora profundamente as emoções humanas ligadas à ausência e ao luto.

O terceiro poema observado nessa pesquisa é o “Corpo”, uma composição lírica que expressa uma visão intimista e metafórica sobre o corpo humano e sua conexão com a natureza. O eu lírico descreve o corpo como um receptáculo das estrelas, buscando uma sensação de leveza e pureza. A imagem de um lírio é utilizada para simbolizar a inocência e a delicadeza, estendendo-se além dos limites físicos da casa.

“Corpo”

1. Corpo corpo
 2. que te seja leve o peso das estrelas
 3. e de tua boca irrompa a inocência nua
 4. dum lírico cujo caule se estende e
 5. ramifica para lá dos alicerces da casa

 6. abre a janela debruça-te
 7. deixa que o mar inunde os órgãos do corpo
 8. espalha lume na ponta dos dedos e toca
 9. ao de leve aquilo que deve ser preservado

 10. mas olho para as mãos e leio
 11. o que o vento norte escreveu sobre as dunas

 12. levanto-me do fundo de ti humilde lama
 13. e num soluço da respiração sei que estou vivo
 14. sou o centro sísmico do mundo
- (Al Berto, 2005, p. 471)

O poema intitulado “Corpo” começa com os versos "Corpo corpo / que te seja leve o peso das estrelas", sugerindo uma reflexão sobre o próprio corpo e sua relação com o universo. Nesses versos, o eu poético faz uma referência ao corpo físico, desejando liberdade, transcendência e conexão com o universo. Essa conexão entre o corpo e o cosmos é uma temática recorrente na poesia de Al Berto.

No terceiro verso "E de tua boca irrompa a inocência nua", o eu lírico descreve a boca como o canal por onde a inocência emerge. A inocência é apresentada como algo infantil e puro e desprovido de artifícios racionais, sugerindo um anseio por uma autenticidade genuína, explorando a ideia do corpo, descrevendo-o como a origem da inocência, comparando-a à nudez de um lírio. Nos versos "dum lírico cujo caule se estende e/ ramifica para lá dos

alicerces da casa" (v. 4-5), a imagem de um lírio simboliza o desejo de expansão e transcendência. Há uma busca por ultrapassar as fronteiras impostas pela vida cotidiana e se conectar com algo maior.

A estrofe seguinte começa com imperativos ao corpo: "Abre a janela" e "debruça-te", o sujeito convoca a abertura de uma janela, a abertura da mente e dos sentidos. O convite é para observar o mundo exterior, para se conectar com a natureza e com a vastidão do mar, pois o sétimo verso apresenta uma sugestão de conexão com o ambiente externo. Essa fusão do corpo com a natureza é uma busca por uma experiência de imersão completa no mar ao permitir que ele preencha os órgãos internos, a alma, é uma forma de buscar junção com a natureza, de se entregar aos elementos e se sentir parte integrante do todo.

No oitavo e nono verso, o eu lírico ainda usa de imperativos e evoca uma sensação de cuidado e delicadeza ao interagir com o que é valioso, sugerindo uma postura de reverência em relação àquilo que é considerado sagrado ou essencial. O eu poético pede que o fogo seja espalhado nas pontas dos dedos, simbolizando a energia e a sensibilidade. O toque leve indica um cuidado especial ao lidar com algo que deve ser preservado, aludindo a sentimentos ou memórias importantes.

A terceira estrofe, "mas olho para as mãos e leio/ o que o vento norte escreveu sobre as dunas", mostra o olhar do poeta para as próprias mãos, que são símbolos de ação e criação. A imagem do vento norte representa não só a passagem do tempo, mas também as marcas deixadas pelas experiências vividas. Esse verso pode ser interpretado como uma busca por significado e compreensão, observando os sinais da natureza e encontrando mensagens nos elementos naturais.

Na última estrofe, o sujeito – como que separado do próprio corpo –ergue-se do "fundo de ti", pois esse corpo, caracterizado negativamente como "humilde lama", indica uma conexão com a origem humana e a sensação de ser parte de algo maior, pois é "o centro sísmico do mundo". O soluço da respiração é um momento de consciência e de afirmação da própria existência, sugerindo uma ligação profunda com algo primordial, além do físico e do carnal. O verso final afirma uma consciência do seu impacto e poder como indivíduo, explorando assim a busca por sentido e o despertar da própria existência, além da conexão

entre o corpo e o universo, apresentando uma linguagem poética evocativa que utiliza imagens sensoriais para transmitir tais ideias de forma intensa e introspectiva.

Novamente com uma métrica livre, o poema expressa anseios de liberdade, uma conexão com a natureza e busca por uma essência genuína. Há referências como a terra, o mar e os cosmos que trazem uma dimensão transcendental, enquanto a consciência da própria existência e a afirmação do eu reforçam a individualidade e a vivacidade do sujeito poético. A forma flexível do poema adapta-se à expressão poética, ajudando a criar um fluxo poético que se ambienta na profundidade das ideias expressas. No que diz respeito ao contexto, o poema faz uma ligação entre o corpo, a experiência e a consciência. As múltiplas repetições da palavra "corpo" no início sugerem um foco intenso na corporeidade e na presença física.

O poema eleva o "corpo" à posição central da contemplação, conferindo-lhe a qualidade de ícone simbólico. Nesse contexto, o corpo é consagrado como um emblema da identidade, um receptáculo dos anseios mais íntimos e da mais profunda intimidade. A alusão à "leveza das estrelas" ressoa como um clamor pela emancipação e despojamento das convenções sociais, que frequentemente constroem e toham a expressão do desejo homoafetivo, como se este estivesse condenado a uma gravidade inescapável. A evocação da "inocência nua" e do lírio desvela a inerente pureza e a beleza subjacente ao amor entre almas do mesmo sexo, ressaltando a sua naturalidade e divina simplicidade.

A metáfora da "janela" que se abre para permitir que o "mar" inunde o corpo figura como um ato de aceitação do desejo homoafetivo, um ato que se assemelha à entrega incondicional a uma força cósmica, como se o amor, em sua plenitude, fosse uma manifestação intrínseca da natureza. A concepção de "espalhar lume na ponta dos dedos" e "tocar ao de leve aquilo que deve ser preservado" ecoa a importância vital de zelar e proteger o amor homoafetivo, em um mundo que, muitas vezes, permanece cego para sua profundidade e autenticidade. A imagem do "vento norte escrevendo sobre as dunas" sutilmente personifica as influências externas que, como ventos frios e implacáveis, tentam moldar ou reprimir o amor entre pessoas do meu sexo, deixando sua marca sobre as dunas, que representam a identidade e os sentimentos individuais.

Por fim, o poema culmina em uma afirmação poderosa e sísmica da identidade, sugerindo que o amor homossexual é o epicentro do mundo, um ponto fulcral de significado e importância, apesar das adversidades e resistências que podem surgir em seu caminho. É uma eloquente expressão artística que celebra a beleza, a pureza e a resiliência desse amor singular.

Partimos então para o quarto poema aqui analisado. “Ofício de viajante” é um texto poético denso e evocativo que aborda uma variedade de temas e imagens.

“Ofício de viajante”

1. Procurei dentro de ti o repercutido som do mar
2. a voz exacta das plantas e um naufrágio
3. o deslizar das aves, o amor obsessivo pelos espelhos
4. o rumor latejante dos sonhos, as cores dum astro explodindo
5. o cume nevado da cada montanha
6. difíceis rios, os dias

7. vivi talvez em Roma
8. no tempo em que ali chegavam os trigos da sícilia e os vinhos raros
[das ilhas]
9. a fama remota dos ladrões de Nuoro

10. todo meu corpo estremeceu ao mudar de voz
11. cresci com o rapaz, embora nunca tivéssemos sido irmãos
12. e quando ficámos adultos para sempre
13. alguém lhe ofereceu o ofício de viajante

14. eu morri perto de Veneza
15. e quando atirava pedras aos pássaros sempre me ia lembrando de ti
(Al Berto, 2005, p. 187)

No primeiro verso, "Procurei dentro de ti o repercutido som do mar", o eu lírico expressa um desejo de encontrar dentro de si mesmo a ressonância do som do mar, uma alusão à busca de uma conexão com a natureza e com a vastidão do oceano. E segue assim no verso seguinte, em que o eu lírico anseia pela capacidade de captar a voz precisa das plantas, aludindo novamente a uma sintonia com a natureza. A menção ao naufrágio simboliza uma experiência de perda ou destruição, mostrando um sentimento paradoxal negativo também nessa procura "dentro de ti", cuja enumeração segue no terceiro verso – "O deslizar das aves, o amor obsessivo pelos espelhos" –, sugerindo ainda uma busca pelo movimento suave da liberdade e leveza e, novamente de forma contraditória, o "amor obsessivo pelos espelhos", numa reflexão sobre si mesmo e a busca de autoconhecimento, auto exploração e autodescoberta. Essa busca

interminável segue no quarto verso, "o rumor latejante dos sonhos, as cores dum astro explodindo", em que o poeta explora a intensidade dos sonhos, associando-os a um rumor vibrante. A imagem das cores de um astro explodindo evoca um espetáculo visual intenso e impactante, assim como nos versos seguintes, "o cume nevado de cada montanha,/ difíceis rios, os dias", que trazem à tona a majestade e a imponência das montanhas cobertas de neve. Os "difíceis rios" representam obstáculos e desafios enfrentados ao longo da vida e "os dias" lembram a passagem do tempo e a experiência da existência cotidiana.

"Vivi talvez em Roma", já na segunda estrofe, sugere uma experiência imaginada do eu lírico, que se vê vivendo outra vida, em Roma, cidade conhecida por sua rica história e cultura. A estrofe completa-se com um verso longo, tal como o passado citado, referência a um período histórico em que Roma recebia produtos valiosos, como trigo da Sicília e vinhos raros das ilhas, enfatizando a importância do comércio e da prosperidade, simbolizando a busca por algo valioso e raro. O verso final da estrofe, "a fama remota dos ladrões de Nuoro", faz uma referência às histórias sobre ladrões da cidade de Nuoro, na Sardenha (Itália), visto que o município é turístico e atrai muitas pessoas desavisadas sobre tais perigos, que pode representar a atratividade do desconhecido e do misterioso.

Na terceira estrofe começa com outra imagem aparentemente desconectada das estrofes anteriores, pois há uma transformação interna profunda, na qual o eu lírico experimenta um tremor físico ao mudar de voz, possivelmente indicando uma mudança de perspectiva ou uma descoberta interior significativa, um amadurecimento, uma transformação profunda resultante de um momento de revelação. Essa construção poética segue nos versos seguintes, denotando uma ligação emocional forte, possivelmente íntima, entre o eu e o tu descrito desde o verso inicial do poema. Da mesma forma, o verso "E quando ficamos adultos para sempre", indica que o eu lírico e o "tu" atingiram a maturidade, apontando-a como negativa por ser permanente e duradoura. A cena idílica é quebrada pelo verso "Alguém lhe ofereceu o ofício de viajante", (v. 13), em que o eu poético relata a vida de aventura, de descoberta e de movimento dada ao amigo, enquanto o eu lírico permaneceu em algum lugar estático ou imóvel.

A última estrofe, conclusiva, começa com a descrição da morte – física ou espiritual –, uma metáfora para uma experiência de morte figurativa ou uma transformação pessoal profunda, visto que logo após ele confessa a manutenção da lembrança, já que há a ausência do companheiro. O poema termina com uma reflexão nostálgica do eu lírico, que relembra do rapaz enquanto jogava pedras aos pássaros, ação que denota marasmo e solidão. Essa imagem pode expressar uma mistura de carinho, saudade e melancolia do amor não vivido.

Similar aos outros poemas analisados, esse poema também apresenta uma métrica livre, com versos de tamanhos variados. No geral, o poema parece explorar a jornada de autodescoberta, a conexão com o ambiente e as lembranças que persistem ao longo do tempo. A métrica livre contribui para a expressão subjetiva e introspectiva dessas ideias.

Este poema insinua elementos de homoerotismo, aprofundando-se nos meandros da identidade, do corpo e dos relacionamentos homoafetivos. Nesse contexto lírico, a busca inicial pelo "repercutido som do mar" dentro de alguém evoca a jornada em busca da própria identidade, possivelmente uma exploração de âmbitos emocionais e sexuais que abrigam subtextos homoeróticos. O "naufrágio" aludido, metaforicamente, figura como a travessia tumultuosa em direção à aceitação e à compreensão dos desejos homoeróticos, uma odisseia emocional que pode desafiar as convenções sociais.

O "amor obsessivo pelos espelhos" revela uma introspecção profunda sobre a própria identidade, insinuando que a busca por uma identificação com os padrões homoafetivos pode influenciar a percepção de si mesmo e a busca pelo amor.

O crescimento compartilhado com um rapaz, apesar de não serem irmãos, insinua um relacionamento íntimo entre pessoas do mesmo sexo, transcendendo fronteiras convencionais e sugerindo a possibilidade de um relacionamento homossexual subjacente.

A oferta do "ofício de viajante" a um dos personagens simboliza uma separação ou uma mudança significativa, possivelmente representando a dificuldade de manter relacionamentos homoafetivos em uma sociedade que muitas vezes os rejeita.

A morte "perto de Veneza" pode ser vista como um desfecho trágico ou uma separação definitiva, uma metáfora tocante das lutas e desafios enfrentados por relacionamentos homoafetivos em um contexto adverso.

O ato de "atirar pedras aos pássaros" evoca um gesto de resistência contra normas sociais opressivas, enquanto a lembrança persistente da pessoa ao realizar esse ato sugere que a influência dessa pessoa perdura na vida do eu lírico, possivelmente como um amante que se foi.

No quinto poema selecionado, "Pernoitas em mim", há um amor que o sujeito lírico ainda não conseguiu esquecer ou algo que perdeu e que ainda o "assombra". Ao longo do poema, o sujeito poético faz a descrição daquilo que ele vem sentindo todos os efeitos que esta dor está causando a ele.

"Pernoitas em mim"

1. pernoitas em mim
2. e se por acaso te toco a memória... amas
3. ou finges morrer

4. pressinto o aroma luminoso dos fogos
5. escuto o rumor da terra molhada
6. a fala queimada das estrelas

7. é noite ainda
8. o corpo ausente instala-se vagarosamente
9. envelheço com a nómada solidão das aves

10. já não possuo a brancura oculta das palavras
11. e nenhum lume irrompe para beberes

(Al Berto, 2005, p. 331)

No primeiro verso, a voz poética manifesta uma presença duradoura e íntima do outro em si mesmo com o uso do verbo no presente. A expressão "pernoitar" é utilizada para indicar que essa presença permanece durante a noite, em um momento de maior intimidade e entrega.

Nos versos "E se por acaso te toco a memória... amas/ ou finge morrer" (v. 2-3), é especulado sobre o efeito que sua presença pode ter na memória do outro. Ele questiona se esse toque no passado desperta sentimentos de amor na pessoa a quem o poema é dirigido e também explora a possibilidade de que a pessoa para quem ele escreve possa fingir indiferença ou morte emocional diante dessas memórias evocadas. É uma reflexão sobre as diferentes reações que podem ocorrer ao relembrar momentos compartilhados.

Na segunda estrofe, segue a presença de verbos na primeira pessoa do singular, "pressinto" e "escuto", o sujeito revela uma sensação de antecipação, sugerindo que consegue sentir o perfume brilhante e intenso dos fogos de artifício. Essa imagem pode ser associada a momentos festivos, alegria e intensidade sensorial. O verso "escuto o rumor da terra molhada" evoca uma atmosfera de renovação, um estado de sensibilidade aguçada e contato com a natureza, através da água que cai da chuva. Em "a fala queimada das estrelas", eu poético atribui uma qualidade misteriosa e intensa às estrelas. Essa imagem sugere a beleza e o poder das estrelas, mas também pode evocar uma sensação de fragilidade e transitoriedade.

Mais ainda, o eu lírico menciona que "é noite ainda", indica que a noite – um estado de escuridão emocional ou existencial – persiste, representando um momento de solidão ou incerteza, em que a presença do outro ainda é desejada. O verso "o corpo ausente instala-se vagarosamente" (v. 8) refere-se à chegada lenta e gradual da ausência do corpo do outro, à sensação de perda e a inevitabilidade da partida ou distanciamento. Em "envelheço com a nómada solidão das aves", o sujeito associa seu próprio processo de envelhecimento, sugerindo uma sensação de liberdade e independência na solidão, mas também pode trazer à tona a transitoriedade da vida e a passagem do tempo.

Ao iniciar a última estrofe, o sujeito lírico expressa uma sensação de perda, afirmando que não mais possui a "brancura oculta das palavras", indicando assim uma dificuldade em expressar sentimentos ou uma perda da pureza e da capacidade de comunicação através da linguagem. Em "e nenhum lume irrompe para beberes", o eu lírico retrata uma ausência de chamas ou fagulhas que possam ser consumidas ou apreciadas pelo destinatário do poema. Dessa forma, evidencia-se a falta de intensidade emocional ou uma perda de conexão profunda com o outro.

O poema oferece uma exploração poética e subjetiva de elementos intrinsecamente ligados à experiência homoafetiva. A expressão "Pernoitas em mim" introduz uma atmosfera de intimidade e presença noturna, sugerindo uma conexão física e emocional profunda entre os sujeitos do poema. Este início pode ser interpretado como uma alusão metafórica à intimidade física e emocional que frequentemente caracteriza os relacionamentos homoafetivos, em que a noite pode oferecer um refúgio para a expressão autêntica do desejo.

O verso subsequente, "Se por acaso te toco a memória... amas ou finges morrer," explora a complexidade das emoções e dos relacionamentos. A ideia de tocar a memória sugere a ressurreição de sentimentos e experiências passadas. A ambiguidade presente na resposta, "amas ou finges morrer," evoca a ambivalência que pode acompanhar a lembrança de um relacionamento homoerótico, onde o amor e a dor coexistem.

A menção ao "corpo ausente" ressalta a distância física que pode ocorrer em relacionamentos homoafetivos, muitas vezes devido a barreiras sociais ou geográficas. A ausência do corpo pode simbolizar a solidão que se instala quando o ente querido está fisicamente distante, uma experiência compartilhada por muitos casais do mesmo sexo.

O verso "Envelheço com a nômada solidão das aves" sugere a passagem do tempo e a solidão que pode acompanhar o amadurecimento após o término de um relacionamento. As "aves nômades" sugerem a busca incessante por algo que já não está presente, para a busca contínua por um amor perdido.

A perda da "brancura oculta das palavras" indica a dificuldade de expressar sentimentos complexos e a sensação de que a linguagem não pode mais transmitir adequadamente a profundidade das emoções. Isso pode ser interpretado como um reflexo da complexidade dos sentimentos em relacionamentos amorosos, que muitas vezes desafiam as normas convencionais de linguagem e expressão.

Por fim, a "ausência de lume" simboliza a falta de paixão ou conexão que costumava existir em um relacionamento, como a extinção de uma chama que antes iluminava o relacionamento, refletindo a melancolia que pode acompanhar o fim de uma relação homoafetiva.

O sexto poema – sem título e por isso nomeado pelo primeiro verso – mergulha profundamente na interação entre a escrita, a memória e a paixão. O sujeito lírico explora a dualidade entre o silêncio da escrita e a expressão que emana do corpo, revelando praias vazias e desertos metafóricos. A busca pela conexão através das palavras e a exploração da paixão através dos objetos guardados adicionam camadas à narrativa. O poema também captura a sensação de efemeridade, seja nas sementes de cicuta espalhadas nos sonhos ou na perseguição de rastros de memórias.

1. a escrita é a minha primeira morada de silêncio
 2. a segunda irrompe do corpo movendo-se por trás das palavras
 3. extensas praias vazias onde o mar nunca chegou
 4. deserto onde os dedos murmuram o último crime
 5. escrever-te continuamente... areia e mais areia
 6. construindo no sangue altíssimas paredes de nada

 7. esta paixão pelos objectos que guardaste
 8. esta pele-memória exalando não sei que desastre
 9. a língua de limos

 10. espalhávamos sementes de cicuta pelo nevoeiro dos sonhos
 11. as manhãs chegavam como um gemido estelar
 12. e eu perseguia teu rastro de esperma à beira-mar

 13. outros corpos de salsugem atravessam o silêncio
 14. desta morada erguida na precária saliva do crepúsculo
- (Al Berto, 2005, p. 256)

No primeiro verso, "a escrita é a minha primeira morada de silêncio", o eu lírico manifesta que a atividade de escrever é um lugar onde ele encontra silêncio e tranquilidade, como se a escrita o levasse para um espaço íntimo e sereno. Logo após, a escrita é apresentada como uma "segunda morada", que emerge do corpo do sujeito que escreve, sugerindo que a expressão escrita é influenciada por suas emoções e experiências internas.

O verso "extensas praias vazias onde o mar nunca chegou" serve como uma metáfora para um lugar inexplorado e intocado, representando possivelmente um espaço emocional ou criativo onde a profundidade das emoções ainda não fora explorada. Em "deserto onde os dedos murmuram o último crime", o "deserto" indica um espaço interior vazio e solitário, enquanto "os dedos murmuram o último crime" simboliza a autocrítica, em que o eu lírico reconhece a vulnerabilidade de expor seus pensamentos. Da mesma forma, no verso "escrever-te continuamente... areia e mais areia", o ato de escrever continuamente é comparado com a construção de algo como areia se acumulando, sugerindo um esforço constante e acumulativo na expressão. Ao final da estrofe, o último verso alude para a criação de algo monumental (as "altíssimas paredes"), mas que no final é vazio ou insubstancial (o "nada"). Dessa maneira, há a reflexão da luta do sujeito lírico para dar significado à sua escrita.

A estrofe seguinte começa com uma "paixão pelos objetos", que representa lembranças ou elementos do passado que o poético preserva, expressando a conexão emocional profunda com essas memórias. No verso

seguinte, a "pele-memória" indica uma relação íntima entre corpo e memória, assim como o "desastre" que exala representa emoções dolorosas ou eventos traumáticos contidos nas lembranças. A seguir, a metáfora sobre "a língua de limos" se associa a uma língua lenta e viscosa, indicando a dificuldade de expressar as complexas emoções e experiências.

No mesmo sentido, a estrofe seguinte começa por compreender a disseminação de algo venenoso ou amargo nos "sonhos", sugerindo a influência das experiências passadas nos objetivos futuros. Em "as manhãs chegavam como um gemido estelar", a chegada das "manhãs como um gemido estelar" reflete um sentimento melancólico ou angustiante associado ao início de cada dia. No décimo segundo verso, "e eu perseguia teu rastro de esperma à beira-mar", esta metáfora contém uma conotação sensual, mas também pode representar a busca de algo que se perdeu ou o desejo de encontrar significado nas experiências passadas.

No décimo terceiro verso, "corpos de salsugem" exprimem as presenças fugazes ou passageiras. Em "atravessar o silêncio" simboliza a interrupção do eu poético em seu espaço de reflexão e solidão. Por fim, no último verso, a "morada" é o espaço criativo ou emocional do sujeito. Já "precária saliva do crepúsculo" significa algo efêmero e delicado, possivelmente indicando a fragilidade da expressão artística.

O poeta descreve a escrita como sua primeira morada de silêncio, mas a segunda morada irrompe do corpo movendo-se por trás das palavras. Ele é repleto de imagens sensoriais, como "extensas praias vazias onde o mar nunca chegou" e "deserto onde os dedos murmuram o último crime". O sujeito poético escreve continuamente, construindo "altíssimas paredes de nada" com areia e mais areia, transformando o efêmero em algo com mais permanência.

O eu lírico também aborda a paixão pelos objetos que guardamos e a pele-memória que exala um desastre desconhecido. A língua de limos é uma imagem que sugere uma conexão íntima entre os amantes.

O texto culmina com a imagem do poeta perseguindo o rastro de esperma do amante à beira-mar. Outros corpos atravessam o silêncio desta morada erguida na precária saliva do crepúsculo. A salsugem é uma planta que cresce em solos salinos, sugerindo que esses corpos são tão raros e preciosos quanto um oásis no deserto.

Já “E uma paixão” é o sétimo poema, que faz uma reflexão sobre a vulnerabilidade humana diante do tempo e das emoções, capturando um sentimento de perda iminente e desejo ardente.

“E uma paixão”

1. visita-me enquanto não envelheço
2. toma estas palavras cheias de medo e surpreende-me
3. com teu rosto de Modigliani suicidado

4. tenho uma varanda ampla cheia de malvas
5. e o marulhar das noites povoadas de peixes voadores
6. vem

7. ver-me antes que a bruma contamine os alicerces
8. as pedras nacaradas deste vulcão a lava do desejo
9. subindo à boca sulfurosa dos espelhos
10. vem

11. antes que desperte em mim o grito
12. dalguma terna Jeanne Hébuterne a paixão
13. derrama-se quando tua ausência se prende às veias
14. prontas a esvaziarem-se do rubro ouro

15. perco-te no sono das marítimas paisagens
16. estas feridas de barro e quartzo
17. os olhos escancarados para a infindável água
18. vem

19. com teu sabor de açúcar queimado em redor da noite
20. sonhar perto do coração que não sabe como tocar-te
(Al Berto, 2005, p. 327)

No poema, o eu lírico faz um convite ao amado ou à pessoa amada para visitá-lo antes que o envelhecimento ou a passagem do tempo afetem a sua conexão. No primeiro verso, o eu lírico expressa a urgência de ser visitado antes que as marcas do tempo se tornem visíveis, sugerindo um desejo de manter a juventude e a vitalidade na relação. Já no segundo verso, "toma estas palavras cheias de medo e surpreende-me", o sujeito oferece palavras carregadas de emoção e ansiedade, esperando ser surpreendido por uma reação ou resposta do amado. As palavras são o veículo para a expressão do medo e da esperança. O verso "com teu rosto de Modigliani suicidado" evoca uma sensação de melancolia e tragédia com a referência ao artista Amedeo Modigliani, conhecido por seus retratos alongados e expressivos, sugerindo uma profundidade emocional intensa.

No verso "tenho uma varanda ampla cheia de malvas", a "varanda" é um espaço de contemplação e intimidade enquanto as "malvas" representam a beleza efêmera, assim como as emoções delicadas e sensíveis. A seguir, as "noites povoadas de peixes voadores" se referem a sonhos e pensamentos inquietos durante a noite. O marulhar do mar representa tanto a profundidade das emoções quanto a fluidez do tempo.

No verso "ver-me antes que a bruma contamine os alicerces", a "bruma" simboliza a incerteza e o esquecimento, enquanto os "alicerces" representam os fundamentos da relação ou da própria identidade do eu lírico. No oitavo verso, as "pedras nacaradas deste vulcão" indicam as emoções profundas, enquanto a "lava do desejo" sugere paixão intensa e ardente. No mesmo caminho, no verso "subindo à boca sulfurosa dos espelhos", os "espelhos" são entendidos como símbolos da reflexão e autoconhecimento e a "boca sulfurosa" compreende-se a uma fala intensa e ardente.

No verso "antes que desperte em mim o grito", há uma iminente explosão emocional ou angústia profunda que o eu lírico teme enfrentar. Já o verso "Dalguma terna Jeanne Hérbuterne a paixão" faz referência a Jeanne Hérbuterne, amante do artista Modigliani, insinuando uma paixão intensa e trágica, pois a mesma se suicidou aos 21 anos após a morte de Modigliani, enquanto que, no verso seguinte, o sujeito poético expressa como a ausência do amado afeta profundamente ele, quase como uma ferida. O poema finaliza a estrofe com as "veias prontas a esvaziarem-se do rubro ouro", que simbolizam o esgotamento das emoções intensas e preciosas.

O verso "perco-te no sono das marítimas paisagens" remete um sentimento de perda ou distância emocional, comparando o estado de perda com um sono profundo. Assim, as "feridas de barro e quartzo" (v. 16) são uma imagem da fragilidade e da dureza das experiências emocionais. A seguir, os "olhos escancarados" representam o desejo de absorver profundamente as emoções, enquanto a "infindável água" simboliza a imensidão dos sentimentos.

No verso "com teu sabor de açúcar queimado em redor da noite", uma imagem sensorial sugere uma sensação agridoce de amor e desejo. Por fim, o verso "sonhar perto do coração que não sabe como tocar-te" expressa o desejo de sonhar com a pessoa amada, mesmo que a conexão física ou emocional seja desafiadora.

O poema manifesta uma exploração artística que aborda uma série de temas interconectados. Ele alude ao corpo de maneira indireta, empregando metáforas e imagens poéticas, como "teu rosto de Modigliani suicidado" e "pedras nacaradas deste vulcão a lava do desejo". Essas imagens conotam uma sensualidade intrínseca e uma conexão entre o corpo e o desejo romântico, amplificando o poder da paixão. O sentimento de amor é uma temática central, revelando-se profundo e ardente. O verso "toma estas palavras cheias de medo e surpreende-me" sugere uma entrega total ao amor e à paixão.

Além disso, a ausência do ser amado é pintada com palavras que transmitem sofrimento e anseio, como "prontas a esvaziarem-se do rubro ouro". O poema retrata o amor como uma força avassaladora e enraizada nas emoções mais profundas. Embora a orientação sexual dos amantes não seja explicitamente declarada, a escolha das palavras e imagens poéticas insinua a possibilidade de um relacionamento homoafetivo. A referência a "teu sabor de açúcar queimado em redor da noite" pode ser interpretada como uma expressão de amor entre pessoas do mesmo sexo, sugerindo a universalidade do amor independentemente da orientação sexual.

O poema lida com a passagem inexorável do tempo e o receio da transitoriedade. A frase "visita-me enquanto não envelheço" reflete o desejo de aproveitar o amor e a paixão antes que a inexorabilidade do tempo os transforme. A metáfora da "bruma que contamina os alicerces" e a imagem do "grito" que desperta simbolizam o medo da perda do amor devido à marcha implacável do tempo.

O oitavo e último poema selecionado para análise desse capítulo igualmente não possui título e por isso novamente usa-se o primeiro verso do poema. O sujeito lírico descreve uma experiência de amor e suas consequências, explorando os sentimentos do protagonista após um relacionamento intenso e fugaz. As metáforas usadas criam imagens poderosas para transmitir as emoções e sensações do sujeito poético.

1. foram breves e medonhas as noites de amor
2. e regressar do âmago delas esfiapava-lhe o corpo
3. habitado ainda por flutuantes mãos

4. estava nu
5. sem água e sem luz que lhe mostrasse como era

6. ou como poderia construir a perfeição
7. os dias foram-se sumindo cor de chumbo
8. na procura incessante doutra amizade
9. que lhe prolongasse a vida

10. e uma vez acordou
11. caminhou lentamente por cima da idade
12. tão longe quanto pôde
13. onde era possível inventar outra infância
14. que não lhe ferisse o coração
(Al Berto, 2005, p. 569)

No primeiro verso, a combinação de "breves" e "medonhas" sugere que as noites de amor foram intensas e perturbadoras, possivelmente marcadas por paixão e conflitos. Já no segundo verso, a metáfora do "âmago" das noites de amor, juntamente com o verbo "esfiapava", descreve a sensação de que o eu lírico se sentia enfraquecido e fragmentado após a experiência. O poema segue com o verso "habitado ainda por flutuantes mãos", em que a ideia das "flutuantes mãos" sugere a persistência das memórias e toques do relacionamento, mesmo depois de ter acabado. As mãos representam a presença constante do passado.

Na segunda estrofe, a nudez representa a vulnerabilidade emocional do sujeito, enquanto que as faltas de "água" e "luz" simbolizam a ausência de clareza e orientação após o término, deixando-o perdido e incerto sobre sua identidade e futuro. No sétimo verso, a comparação dos "dias" com "cor de chumbo" sugere uma atmosfera sombria e pesada, à medida que os dias passam sem alegria ou cor. Nos versos "na procura incessante doutra amizade/ que lhe prolongasse a vida" (v. 8-9), a busca por "outra amizade" indica a busca do eu lírico por um novo relacionamento ou conexão que possa trazer significado e propósito à sua vida.

Na estrofe final, o ato de "acordar" simboliza um despertar emocional, indicando uma jornada de autodescoberta e crescimento e superando as experiências passadas. Nos últimos versos, a ideia de "inventar outra infância" incita uma possibilidade de reinvenção e rejuvenescimento emocional em que o desejo de evitar ferir o coração remete a uma tentativa de se proteger contra futuras mágoas. O poema explora a complexidade das emoções humanas após um relacionamento profundo e a busca por sentido e cura. As metáforas evocativas criam um cenário emocional rico, permitindo que os leitores sintam a intensidade das experiências descritas.

O poema inicia com uma descrição das noites de amor, as quais são caracterizadas como breves e medonhas. Tal caracterização sugere a possibilidade de que o amor seja efêmero e, em alguns casos, intrinsecamente doloroso. A brevidade das noites de amor pode ser interpretada como uma alegoria para a fugacidade das paixões românticas.

A narrativa do poema menciona o corpo, que se desfaz após as noites de amor. Este elemento pode ser interpretado como uma metáfora para o desgaste físico e emocional resultante do amor. Além disso, o corpo é concebido como um espaço onde se experimenta tanto o desejo quanto o prazer.

O eu lírico não especifica o gênero ou a identidade de gênero das partes envolvidas no relacionamento amoroso. No entanto, ele insinua a existência de um relacionamento apaixonado, independentemente da identidade de gênero das partes envolvidas. Abordando a temática do homoerotismo através de imagens de nudez e da busca pela perfeição. A nudez e a busca pela perfeição são interpretadas como manifestações do desejo homoerótico. A nudez, em particular, é uma representação simbólica da vulnerabilidade e intimidade compartilhada.

À medida que os dias avançam, o poema retrata a busca incessante do sujeito por outra forma de conexão, uma amizade que possa prolongar sua existência. Uma busca por relacionamentos emocionais mais profundos e duradouros após a dissolução das noites de amor.

O poema conclui com a ideia de criar uma infância alternativa, remota da idade presente. Isso sugere um desejo de recomeçar e encontrar um espaço onde o eu poético possa redescobrir sua identidade sem ser afetado pelas experiências amorosas dolorosas do passado.

Desse modo, após observar as análises apresentadas neste capítulo é possível ter uma pequena noção da força e simbolismo de Al Berto não só para literatura portuguesa, mas para além do tempo e espaço. Seus poemas apaixonadamente melancólicos são de uma sensibilidade ímpar. O poeta nunca será conhecido pela leveza de sua escrita, porém é essa sua marca registrada. A forma que ele se expressa tira qualquer leitor de sua zona de conforto e provavelmente seja esse seu maior trunfo. A sexualidade e a corporeidade se fazem presentes constantemente, com e sem subjetividade.

Todas as vivências e experiências de um relacionamento homoafetivo estão presentes em suas poesias, tanto o amor romântico, quanto as relações eróticas, nuas e cruas, como devem ser. Ao abordar tais temas em seus poemas, mesmo que no campo do discurso e da literatura, Al Berto toma o corpo para si, convidando quem lê a fazer o mesmo, iniciando assim um ciclo político de pessoas donas de seus próprios corpos, sexualidades e desejos, criando assim, suas próprias identidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, explorei a temática do homoerotismo nos poemas do poeta português Al Berto. Meu objetivo era examinar como as vozes dos corpos emergem em sua poesia, revelando a sexualidade e a intimidade homoerótica com uma sinceridade inigualável. Durante essa jornada de análise e interpretação, mergulhei nos versos de Al Berto e testemunhei a força evocativa de sua escrita, que desafia normas e tabus sociais para dar voz às experiências de desejo e amor entre relacionamentos homoafetivos.

Ao longo dos capítulos anteriores, abordei o contexto histórico e social no qual Al Berto viveu e escreveu, destacando as lutas enfrentadas pela comunidade LGBTQ+ durante a ditadura em Portugal. Essa atmosfera de repressão e silenciamento permeia a obra de Al Berto e influencia diretamente a expressão do homoerotismo em seus poemas. No entanto, também observei como o poeta, por meio de sua escrita, transcende essas barreiras e constrói um espaço de liberdade em que tais vozes podem ser ouvidas.

Ao longo desse estudo, analisei e identifiquei várias características que contribuem para a singularidade da voz homoerótica nos poemas de Al Berto. Primeiramente, sua linguagem é visceral e intensa, carregada de imagens sensoriais que evocam não apenas o desejo carnal, mas também os sentimentos profundos que surgem dessas relações. Os corpos descritos nos poemas de Al Berto transcendem as limitações físicas e se tornam manifestações da alma e da identidade.

Outro aspecto importante é a abordagem do eu-lírico em relação à sua própria sexualidade. Al Berto não teme expor suas experiências e desejos mais íntimos, explorando a vulnerabilidade e a solidão que muitas vezes acompanham a vivência homoerótica. Suas palavras revelam um anseio por conexão e pertencimento, ao mesmo tempo em que reconhecem a marginalização e o estigma enfrentados pelos amantes do mesmo sexo.

Além disso, a intertextualidade é uma característica marcante da poesia de Al Berto. O poeta dialoga com outros escritores e artistas, tanto contemporâneos, quanto clássicos, estabelecendo conexões entre diferentes formas de expressão artística e expandindo os horizontes da poesia homoerótica. Essas referências literárias e culturais enriquecem a profundidade

e a complexidade de seus poemas, proporcionando uma perspectiva mais ampla sobre o tema do desejo e da sexualidade.

No entanto, é importante ressaltar que Al Berto não se limita a retratar o homoerotismo apenas como uma experiência individual. Em muitos de seus poemas, ele transcende a esfera pessoal e aborda questões políticas e sociais relacionadas à sexualidade e à identidade de gênero. Seu trabalho contribui para a quebra de estereótipos e preconceitos, desafiando os padrões sociais e enfatizando a importância da aceitação e da inclusão.

Ademais, a poesia do autor propõe uma consciência de finitude, sua melancolia surge como agente que torna inteligíveis ou pelo menos suportáveis simples e remotas existências que encontram na Arte um subterfúgio para voltar ao estado de consciência. Mais que isso, os desdobramentos melancólicos podem ser compreendidos se considerarmos a poesia experimental albertiana como manifestação dessa busca incessante que evidencia e especificamente simboliza o sujeito poético, emergindo daí uma poesia em carne-viva não necessariamente autobiográfica, mas sobretudo visceral.

A obra poética de Al Berto é uma expressão marcante na literatura portuguesa contemporânea. Ao longo de sua carreira, ele se destacou por sua coragem em expor a intimidade e por sua busca incessante por uma identidade singular e múltipla ao mesmo tempo. O uso do pseudônimo "Al Berto" é emblemático, refletindo sua ruptura com uma identidade pré-determinada e sua busca por autonomia, sua origem em uma família conservadora contrastava com seu estilo de vida boêmio e artístico. O poeta, enfrentando o diagnóstico de HIV, explorou a transitoriedade da vida e a impermanência de todas as coisas, usando imagens de corpos despedaçados para refletir sobre a existência humana.

Al Berto dialoga com a tradição literária portuguesa, ressignificando formas tradicionais da poesia com uma linguagem inovadora, ele é considerado uma figura fundacional na emergência da literatura queer em Portugal. Apesar de receber críticas por sua linguagem hermética e repetição temática, a obra de Al Berto continua a ser objeto de estudo e inspiração para escritores contemporâneos. Seu legado como um dos grandes poetas portugueses do século XX é incontestável, deixando uma marca indelével no panorama literário e influenciando uma nova geração de poetas.

A poesia de Al Berto é uma jornada emocional e existencial que desafia as convenções e revela a profundidade da experiência humana. Sua contribuição para a literatura portuguesa e internacional é inestimável, e sua obra continua a ressoar com leitores e estudiosos, mantendo-se relevante e inspiradora.

Outro ponto abordado na pesquisa é a reflexão profundamente acentuada acerca da escrita de si, tanto no âmbito dos textos literários autobiográficos quanto nos textos autoficcionais. Neste contexto, reveste-se de extrema importância a análise pormenorizada das características inerentes a ambos os gêneros, visando propiciar um esclarecimento mais abrangente e esclarecedor acerca destes, de modo a evitar que sejam erroneamente confundidos e tratados como equivalentes, posto que encerram distintas perspectivas da prática de auto narrativa na literatura contemporânea.

O panorama literário contemporâneo se depara com uma problemática inerente ao ato de escrita, a qual se manifesta como uma fronteira tênue entre o factual e o fictício. Mesmo diante das delimitações precisas que se procuram estabelecer entre a realidade e a ficção, é possível identificar, na historiografia literária, autores que, em suas obras, desafiam estas dicotomias. Pois, mesmo quando a divisão entre tais domínios é concreta, tais autores são capazes de tecer narrativas que confundem o leitor, impedindo-o de discernir entre o que é verídico e o que é pura fabricação ficcional. Embora a autobiografia não seja o foco central desta dissertação, é imperativo compreender a sua definição para aprofundar a explanação sobre a autoficção e sua manifestação nas obras do renomado autor lusitano Al Berto.

A autobiografia está intrinsecamente associada às experiências de vida, calcadas na busca pela verdade. Não obstante, mesmo ao tentar reproduzir minuciosamente as memórias de quem narra, a autobiografia suscita dúvidas quando confrontamos imprecisões ou a seletividade das lembranças. Além disso, não podemos desconsiderar as interpretações subjetivas do leitor, o que submete a autobiografia à constante influência dos complexos sistemas contextuais que permeiam a vida pessoal do autor, permitindo ao leitor interpretar, julgar e compreender o que se apresenta como verdadeiro ou fictício. Assim, a autobiografia se submete ao viés humano através de múltiplos sistemas

complexos de contextos pessoais, que conferem ao leitor a capacidade de discernir entre verdade e ficção.

A autoficção, por outro lado, é um gênero literário que amalgama elementos tanto da autobiografia quanto da ficção, facultando ao autor a exploração de sua própria vida e experiências de maneira subjetiva e criativa. Neste sentido, o escritor Al Berto consolidou-se como uma das vozes mais proeminentes desse estilo literário em Portugal, distinguido por sua escrita profundamente pessoal e emotiva.

A partir do romance de Doubrovsky, o conceito de autoficção ganhou expansão e proeminência na literatura contemporânea. A autoficção proporcionou aos escritores a capacidade de explorar suas próprias experiências pessoais e as implicações ficcionais destas, forjando narrativas que entrelaçam elementos reais e imaginários. Esta modalidade de escrita desafia as concepções tradicionais de veracidade e ficção, questionando a ideia de uma única realidade objetiva.

A concepção de autoficção proposta por Doubrovsky deu origem a uma multiplicidade de abordagens na literatura contemporânea, abrindo caminho para que muitos outros escritores explorassem este estilo narrativo, que se tornou uma corrente literária de destaque. A autoficção possibilita uma abordagem mais subjetiva e experimental, concedendo aos autores a liberdade criativa para explorar as complexidades da identidade, da memória e da narrativa.

Al Berto é um exemplo notável de autor que adotou a autoficção como meio de expressão literária. Seus poemas são marcados por uma poética intensa e introspectiva. Portanto esse estudo conclui que a escrita de si na literatura contemporânea abrange tanto a autobiografia quanto a autoficção, dois gêneros que, embora compartilhem elementos de experiências pessoais do autor, se distinguem em suas abordagens e propósitos. Enquanto a autobiografia busca a representação fiel da vida do autor, a autoficção permite uma exploração subjetiva e criativa das experiências pessoais, desafiando as fronteiras entre realidade e ficção. Autores como Al Berto exemplificam como a autoficção pode ser uma forma poderosa de expressão literária, permitindo aos escritores explorar questões profundas da identidade e da memória de maneira inovadora e cativante.

No capítulo 2.2 desse estudo foi retratado a Literatura como espaço de transgressão e questionamento da sexualidade. Na trama intrincada da história literária, a sexualidade e o corpo emergem como temas recorrentes, suscitando debates e desafiando conceitos sociais e culturais que circundam o âmago da experiência humana. Desde os primórdios da escrita, a literatura tem se mostrado como um veículo poderoso para a transgressão e o questionamento dessas normas, erguendo-se como uma voz ressonante capaz de explorar as profundezas da sexualidade e do corpo humano.

A literatura, nesse contexto, apresenta-se como um recinto sagrado, em que a expressão artística transcende os limites impostos pela moralidade vigente, abrindo portas para o exame minucioso das identidades sexuais, das manifestações de gênero e da corporeidade, para além de meras funções reprodutivas. Assim, como um espelho que nos lança reflexos, as palavras habilmente tecidas pelos escritores permitem-nos sondar as complexidades das experiências e anseios humanos, reimaginando a realidade e moldando nossa compreensão do que significa ser humano.

No decurso da história literária, renomados autores e autoras assumiram corajosamente o papel de desafiar os padrões normativos, ao explorarem com destemor a sexualidade e o corpo em suas obras, em que ousaram narrar o erótico e o sensual, rasgando os véus da sociedade de sua época e pavimentando o caminho para conversas mais francas e progressistas sobre sexualidade e identidade de gênero. Não obstante, a literatura não se limita a celebrar o prazer, mas também se destina a explorar as sombras e abismos da experiência humana. Muitos autores elevaram suas vozes para abordar experiências de violência sexual e abuso, arremessando luz sobre temas obscuros que frequentemente encontram-se envoltos em um manto de silêncio e vergonha.

Todavia, a literatura transcende a mera exploração de prazeres e dores. Ela se ergue como uma bússola, direcionando-nos em nossa busca incessante por compreender as mais íntimas de nossas próprias identidades sexuais e de gênero. Com frequência, nos sentimos solitários e insondáveis em nossos desejos e experiências sexuais, mas é na leitura dos relatos de outros que encontramos consolo e compreensão. Ao compartilharmos empatia com aqueles

que compartilham experiências similares, fortalecemos nosso sentido de pertencimento e superamos a sensação de isolamento.

A literatura, com suas narrativas, desafia a reavaliar o que é considerado "normal" no que concerne à sexualidade e ao corpo. Ela nos instiga a ponderar sobre as possibilidades de viver, amar e ser de maneira diversa daquela que a sociedade muitas vezes nos impõe. Através da escrita, a literatura pode contribuir para dismantelar a cultura de vergonha e estigmatização em relação ao corpo e à sexualidade, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais inclusiva e acolhedora.

Como observado pelo crítico literário Antonio Candido, a literatura é uma necessidade universal, inerente à nossa busca por conhecimento e humanização. As palavras dos poetas e romancistas enriquecem nossa percepção do mundo e de nós mesmos, alimentando nossa capacidade de reflexão, de compreensão do próximo e da complexidade do mundo que nos cerca. Por meio da literatura, somos convocados a olhar para o espelho de nossas próprias almas, a reconhecer nossa humanidade compartilhada e a ampliar nossos horizontes em busca de uma compreensão mais profunda.

A figura de Antonio Candido, em particular, emerge como uma referência inigualável no que tange à discussão da sexualidade na literatura. Sua coragem em desafiar as convenções sociais abriu trilhas para a representação e compreensão de questões sexuais nos textos literários. Candido defendeu incansavelmente a ressignificação da sexualidade na literatura, postulando que esta deveria ser um reflexo autêntico das experiências humanas e não se submeter a tabus anacrônicos.

Um dos legados mais notáveis do crítico literário foi sua promoção da escrita e publicação de obras que explorassem temas outrora considerados tabus, como a homossexualidade e a sexualidade feminina. Ele acreditava que a literatura tinha o poder de provocar reflexões e debates cruciais sobre a sexualidade, contribuindo assim para o progresso da sociedade. Mas o legado de Antonio Candido não se limita à reivindicação da liberdade criativa na literatura. Ele também advogou pela empatia e compreensão através do poder das palavras. O crítico literário entendia que a literatura tinha o potencial de transformar a sociedade, de desconstruir conceitos sociais e de reformular percepções ultrapassadas.

Michel Foucault, por sua vez, emergiu como uma voz seminal no que concerne à análise da sexualidade e do poder na sociedade e na literatura. Suas teorias revolucionárias sobre a construção social da sexualidade, o poder disciplinador e a medicalização do prazer sexual proporcionaram uma lente analítica por meio da qual pudemos examinar e compreender mais profundamente a representação da sexualidade na literatura.

Foucault delineou com precisão a relação intrínseca entre o poder e a sexualidade, desafiando a noção de que a sexualidade é uma característica inata e imutável do ser humano. Ao introduzir o conceito de "biopolítica," ele ilustrou como o Estado exerce controle sobre os corpos e a vida dos indivíduos, regulando as práticas sexuais através de instituições como a família, a educação e a medicina. Através de suas ideias, o filósofo convidou-nos a repensar a sexualidade como uma arena de luta e controle, onde o poder se manifesta de maneiras diversas.

O conceito foucaultiano de "perversão" também encontrou eco na literatura, como exemplificado na poesia homoerótica de Al Berto. Foucault argumentou que a perversão não é inerentemente negativa, mas sim uma categoria socialmente construída. Da mesma forma, Al Berto desafiou as noções de normalidade sexual, retratando de maneira ousada e sem repreensões as paixões humanas, ressaltando a legitimidade das formas diversas de expressão da sexualidade.

Al Berto, nesse contexto, emerge como um poeta cuja obra ecoa as reflexões foucaultianas sobre o poder, a sexualidade e as relações sociais. Suas palavras destemidas, imersas na sensualidade crua e na honestidade intensa, revelam uma busca pela liberdade sexual e pela subversão das fronteiras impostas pela sociedade. Em seus poemas eróticos, o corpo humano é uma presença constante e material, recordando-nos da corporeidade que está no epicentro das discussões de Foucault sobre o poder.

A multiplicidade de identidades e desejos explorados nas obras de Al Berto ecoa as ideias de Foucault sobre a fluidez da sexualidade e sua construção social. O poeta celebra a diversidade das experiências humanas, subvertendo as categorias binárias que frequentemente aprisionam a sexualidade em moldes restritivos.

Em sua poesia, Al Berto também assume uma dimensão política, desafiando as estruturas opressivas de uma sociedade conservadora. Seus poemas eróticos podem ser interpretados como uma forma de resistência, uma maneira de romper com as limitações e os estigmas que muitas vezes envolvem a sexualidade. Ele reivindica a autonomia do corpo e da expressão sexual como uma resposta às amarras da repressão social.

Ao conjugar a perspicácia de Michel Foucault com a ousadia de Al Berto, somos compelidos a reconhecer a literatura como um campo de batalha onde o poder e a resistência se entrelaçam, onde a sexualidade e o corpo humano são objetos de escrutínio constante e onde a subversão das normas sociais se desenrola diante de nossos olhos. Ambos os pensadores convidam a refletir sobre a complexidade intrínseca à sexualidade, ao poder e à identidade, recordando-nos da natureza mutável e multifacetada da condição humana.

Neste esforço conjunto de reflexão, tanto Antonio Candido quanto Michel Foucault nos legaram um precioso legado de compreensão crítica, liberdade criativa e empatia humanística. Seus escritos e reflexões ressoam como faróis, iluminando as águas turbulentas da sexualidade na literatura, nos lembrando da importância de continuarmos a explorar essa vasta e complexa paisagem com coragem e compreensão.

Dessa forma, conclui-se que a literatura permanece como uma força inesgotável na nossa busca por compreender a sexualidade e o corpo, uma arena onde as vozes de escritores ousados e pensadores visionários convergem para desafiar, transcender e redefinir os limites da experiência humana. Por meio da literatura, podemos sondar as profundezas da sexualidade com uma sinceridade desarmante e lançar luz sobre as sombras que a envolvem. Portanto, é nosso dever como estudiosos, escritores e leitores, continuar a explorar os horizontes infinitos da sexualidade na literatura, honrando o legado daqueles que nos precederam e abrindo caminhos para os que virão.

Já no capítulo 2.3 no alvorecer deste estudo exegético, embarcamos em uma jornada intrincada pelos recantos da literatura, explorando as complexidades do homoerotismo como conceito essencialmente ligado à manifestação da sexualidade humana. Num turbilhão de análise crítica, é delineado as nuances e as matizes desse fenômeno, abarcando dimensões de atração, desejo e comprometimento romântico que transcendem os limites

estabelecidos pela orientação sexual. Aprofundamos a expressão homoafetiva, desvendando um amplo leque de reflexões sobre o amor, o desejo, a identidade e os tabus sociais que o envolvem.

No curso desta exploração erudita, transcendeu-se um fio condutor, inextricavelmente entrelaçado com a trama literária, que se mostrou um espelho da evolução sociocultural da humanidade. A expressão do homoerotismo, com raízes sedimentadas na antiguidade clássica, serviu de farol para a compreensão da atração entre indivíduos do mesmo sexo. Na Grécia clássica, celebrava-se tal amor como uma nobre forma de conexão que transcendia o físico, adentrando os domínios do afeto e da intelectualidade. Poetas como Safo e os diálogos platônicos esculpiram poesias e ideias que ecoam nos corredores do tempo, louvando a conexão homoafetiva como uma expressão íntegra e sublime do amor humano.

Não obstante, o alvorecer dos tempos modernos testemunhou o silenciamento e a condenação dessas expressões homoafetivas, subjugadas pelo peso de normas sociais e religiosas. Contudo, nossa análise crítica desvelou como a literatura, ao longo dos séculos, foi uma voz resiliente que se recusou a ser abafada, erguendo-se como um farol de representação e validação das experiências homoafetivas.

Os escritores e poetisas do romantismo, como Charles Baudelaire, exploraram as dimensões homoeróticas, desafiando as convenções sociais de sua época. Pioneiros da literatura se levantaram como vozes corajosas, empurrando as fronteiras do discurso literário e proclamando a autenticidade do amor homoafetivo.

O século XX, palco de mudanças socioculturais tectônicas, testemunhou o desabrochar de movimentos sociais e culturais que deram voz à comunidade LGBTQ+ e, por extensão, à literatura homoerótica. Autores como James Baldwin, Jean Genet, Radclyffe Hall e Virginia Woolf abriram o caminho, desvendando as complexidades das experiências homoafetivas e destacando os desafios enfrentados por aqueles que as vivenciam.

A literatura *queer*, emergindo como uma corrente literária distintiva, trouxe à luz narrativas que desafiam as normas heteronormativas, abrindo espaço para

a representação de identidades e desejos que escapam às convenções estreitas.

Desse modo, é com o tributo a um dos ícones desta narrativa, Al Berto, que alcançamos o apogeu desta investigação. O poeta português, com sua prosa, poema e pintura, foi uma força irrefreável que não apenas revelou a complexidade do homoerotismo, mas desafiou incisivamente as amarras da cultura conservadora, seus poemas, transbordando sensualidade crua, não apenas mapearam a paixão homoafetiva, mas também proclamaram uma resistência identitária em meio à opressão cultural.

Portanto, nesta epopeia acadêmica, demonstramos que o homoerotismo, como conceito literário, é uma narrativa entrelaçada com a própria evolução da humanidade. Na literatura, encontramos um refúgio de expressão, validação e questionamento das normas sociais. Esta jornada foi uma exploração intelectual que nos permitiu apreciar o poder transformador da literatura, sua capacidade de dar voz às experiências marginalizadas e sua habilidade de fomentar a aceitação, a compreensão e a mudança social.

Ao encerrarmos esta dissertação, erguemos nosso olhar para o horizonte literário com admiração e apreciação. A literatura homoerótica não é apenas uma expressão da sexualidade humana, mas um farol que ilumina a diversidade da experiência e desafia as correntes da conformidade. Ao continuar a explorar essa vasta paisagem de palavras e ideias, honramos não apenas o legado daqueles que nos precederam, mas também abrimos caminhos para os que virão. A literatura é, e sempre será, uma testemunha incansável das inúmeras facetas da experiência humana, e nossa busca pelo entendimento da sexualidade e do amor continua tão eterna quanto o poder das palavras que a definem.

Assim, a obra de Al Berto representa uma contribuição significativa para a literatura portuguesa e também para a literatura homoerótica. Seus poemas transcendem a mera representação do desejo sexual, revelando as vozes dos corpos que lutam por reconhecimento, amor e liberdade. Sua linguagem ousada e sincera, combinada com uma sensibilidade profunda, evoca uma gama complexa de emoções e experiências que ressoam não apenas com o público LGBTQ+.

É fundamental que continuemos a explorar e valorizar essas vozes literárias, reconhecendo a importância de uma representação inclusiva e diversificada na literatura e também na sociedade.

REFERÊNCIAS

- AL BERTO. Al Berto: uma entrevista de 1995 à revista alentejana *Imenso Sul* [abr. a jun. de 1995]. Paulo Barriga. *Revista Imenso Sul*, n. 2. Portugal, de abr. a jun. de 1995. Revista eletrônica. Acesso em: 05 jun. 2023.
- AL BERTO. *O medo*. 3.^a ed. Lisboa: Assirio & Alvim, 2005.
- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. São Paulo: Landmark, 2005.
- BARCELLOS, José Carlos. Identidades problemáticas: configurações do homoerotismo masculino em narrativas portuguesas e brasileiras (1881-1969). In: *Boletim do Centro de Estudos Portugueses da UFMG*, jul/dez 1998, v. 18, 23, 7: 42.
- BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BOURDIER, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: _____. *Vários escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- FAEDRICH, Anna. *O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea*. 2015.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.
- FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. *Revista Verve*, vol. 5, pp. 260-277, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Prefácio à Transgressão. In: *FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, p. 28-46.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- LUGARINHO, Mário César. Al Berto, In Memoriam. The Luso Queer Principle. In: QUINLAN, Susan C; ARENAS, Fernando. (Ed.). *Lusosex: Gender and*

Sexuality in the Portuguese-Speaking World. Londres: University of Minnesota Press, 2002, p. 276-299.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

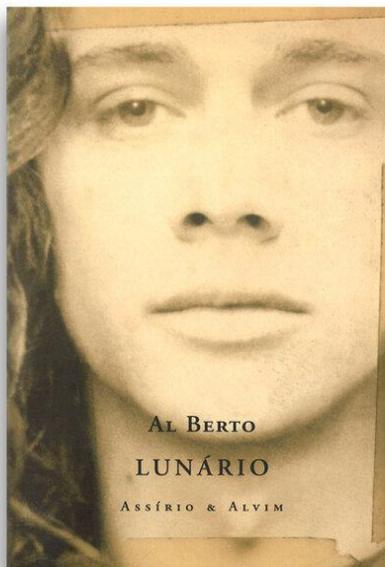
SASAKI, Leonardo de Barros. A intimidade penumbrosa: nota sobre a escrita de si em Al Berto. *In: Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, v. 5, n. 11, nov. 2013.

VALENTIM, Jorge. *Corpo no outro corpo: homoerotismo na narrativa portuguesa contemporânea*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

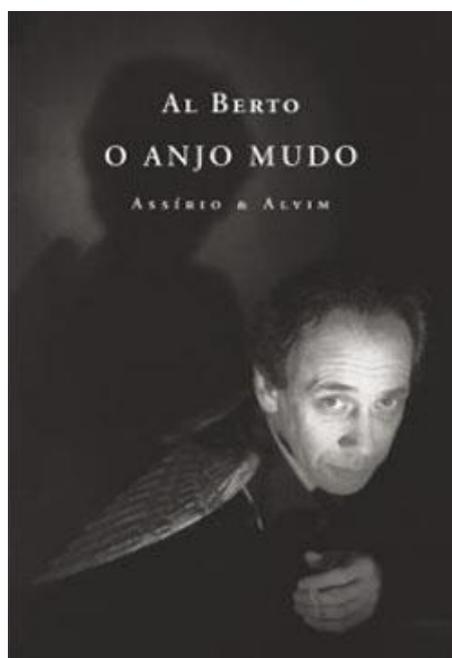
WHITMAN, Walt. *Folhas de relva*. Seleção e tradução de Geir Campos. Ilustrações de Darcy Penteadó. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

ANEXOS

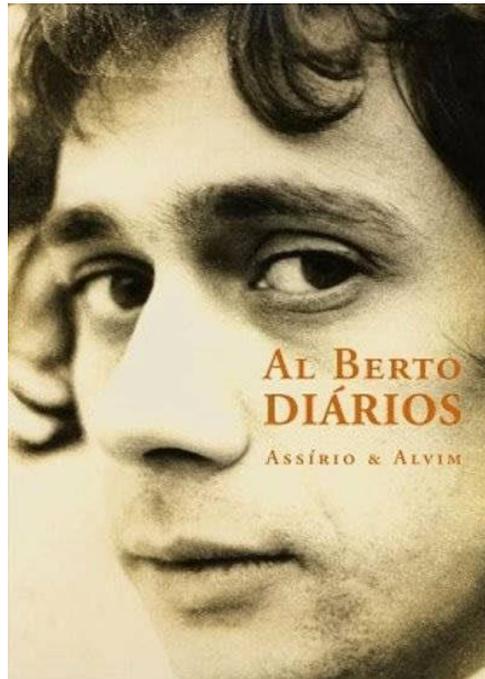
ANEXO I



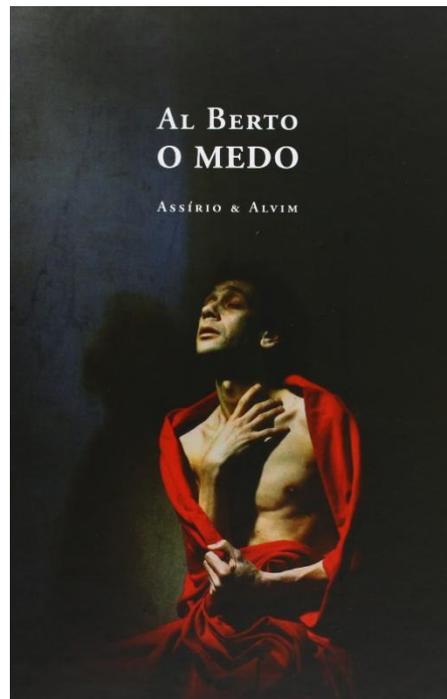
ANEXO II



ANEXO III



ANEXO IV



ANEXO VI

